

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

DIEGO MOREIRA LOPES

**DESCONSTRUINDO A IDEIA DE DOM ARTÍSTICO ATRAVÉS DA PRÁTICA DO
DESENHO DE OBSERVAÇÃO**

BELO HORIZONTE

2019

DIEGO MOREIRA LOPES

**DESCONSTRUINDO A IDEIA DE DOM ARTÍSTICO ATRAVÉS DA PRÁTICA DO
DESENHO DE OBSERVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador:
Prof. Dr. Eugênio Paccelli da Silva Horta

Banca Examinadora:
Prof. Dr. Eugênio Paccelli da Silva Horta
Prof^a Dr. Juliana Gouthier Macedo

BELO HORIZONTE
2019

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. A ENTRADA NO CURSO E A TRAJETÓRIA NA HABILITAÇÃO DE DESENHO.....	5
2.1 A MUDANÇA DE HABILITAÇÃO E A TRAJETÓRIA NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS.....	10
3. AS OBSERVAÇÕES/PERCEPÇÕES DE ESTÁGIO.....	13
4. A PROPOSTA DE DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS.....	20
4.1 O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DA PROPOSTA.....	22
4.1.1 aula 1 – Desenho da forma do objeto.....	22
4.1.2 aula 2 – Observar e representar o jogo de luz e sombra e as tonalidades de cor do objeto.....	29
4.1.3 aula 3 – Reflexão sobre os desenhos e a experiência para com a proposta.....	39
4.2 Conclusões Sobre A Proposta.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo as obras de arte de caráter figurativo e realista encantam as pessoas e despertam o seu interesse para a arte. Ao observar obras de arte desse tipo, muitos dizem que gostariam de saber fazer o mesmo, mas que infelizmente não têm o dom para a arte. É exatamente essa cena que muitos professores e professoras de artes visuais veem seus alunos reproduzirem em algum momento ou outro, sobretudo no contexto das escolas públicas. Esse pensamento de que haja um dom artístico é bastante comum às pessoas leigas ou com pouco conhecimento em arte. Elas pensam que as habilidades¹ para a produção de arte são inatas ao sujeito, e que apenas poucas pessoas as têm ou as despertam, sendo assim, as habilidades para a arte não poderiam ser desenvolvidas por qualquer um, apenas por aqueles que já as têm dentro de si.

A ideia de dom artístico no campo da arte-educação acaba se tornando um empecilho ao aprendizado em arte² em dois sentidos: o primeiro é que os alunos adeptos dessa ideia acabam se tornando menos propensos a realizar práticas artísticas, e conseqüentemente, a se envolver nas propostas pedagógicas em artes visuais, pois consideram que por mais que se esforcem, nunca conseguirão obter tamanhas habilidades e talento artístico quanto às pessoas que supostamente tem o dom para a arte. A segunda é que os alunos não compreendem a arte enquanto processo, e por conseqüência, não a valorizam nesse sentido. De tal maneira, é importante que o professor de artes visuais procure desconstruir com seus alunos a ideia de dom artístico, a fim de que eles sejam mais abertos às práticas artísticas e as propostas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de artes visuais, e para que valorizem a arte enquanto processo e também enquanto uma área do conhecimento.

Contudo, como o professor de artes visuais pode ser bem sucedido em desconstruir a ideia de dom artístico com seus alunos? Quais propostas pedagógicas poderiam ser desenvolvidas nesse sentido? E, como a prática didática do(a) professor(a) de artes visuais poderia influenciar e contribuir para esse resultado?

¹ aqui esse termo se refere a todo e qualquer tipo de conhecimento teórico e prático que é necessário para se produzir determinados tipos de trabalhos artísticos, levando em consideração seus processos e linguagem artística.

² O qual não se restringe apenas ao campo da arte-educação, mas que abarca a arte como um todo.

Foi tentando encontrar respostas para essas perguntas que me dispus a planejar e a desenvolver uma proposta de desenho de observação de objetos para alunos do segundo ciclo do ensino fundamental, em uma escola pública de Belo Horizonte durante o primeiro semestre de 2018. Nessa proposta procurei construir com os alunos conhecimentos teóricos e práticos que lhes possibilitassem produzir desenhos realistas das coisas observadas. Através disso, busquei fazer com que os alunos compreendessem que qualquer pessoa que se disponha a estudar e praticar arte pode desenvolver as suas capacidades artísticas, e que estas são, portanto, fruto de um aprendizado em arte.

Para contextualizar como cheguei a essa problemática e a essa mencionada proposta, coloco-me a relatar de maneira sucinta sobre a minha trajetória dentro do Curso de Artes Visuais da UFMG, apontando algumas disciplinas que foram marcantes e relevantes para a minha formação. Em seguida, trago algumas observações e reflexões minhas sobre o ensino de artes visuais no contexto de escolas públicas, sendo estas observações e reflexões construídas durante a realização dos meus Estágios de Licenciatura em duas escolas públicas de Belo Horizonte. Posteriormente, apresento como se deu o planejamento e desenvolvimento da proposta de desenho de observação de objetos, e, por fim, exponho as minhas conclusões reflexivas sobre o seu desenvolvimento para com os alunos.

2. A ENTRADA NO CURSO E A TRAJETÓRIA NA HABILITAÇÃO DE DESENHO

Adentrei³ no curso de Artes Visuais da UFMG no primeiro semestre do ano de 2013. Esse curso contava com Habilitações de Bacharelado relativas às áreas artísticas de desenho, pintura, escultura, gravura e artes gráficas, e também com a Habilitação de Licenciatura em Artes Visuais. Nos seus dois períodos iniciais, referentes ao ciclo básico, seus alunos deviam fazer disciplinas introdutórias relativas a cada uma dessas mencionadas áreas artísticas, juntamente de disciplinas de história da arte, aplicadas de maneira geral em todas as Habilitações do curso. Posteriormente a essa introdução, no terceiro período, cada aluno devia escolher uma Habilitação dentro do curso, para assim focar e aprofundar seus estudos na área de seu interesse. Como eu visava aprender sobre desenho e desenvolver minha prática do mesmo, escolhi a Habilitação de Desenho como caminho a seguir dentro do curso.

Dentre as diversas disciplinas que cursei referentes a essa habilitação, as disciplinas de desenho de observação de objeto, paisagem e figura humana, frequentadas no meu terceiro semestre, instigaram profundamente a minha prática artística e, foram muito marcantes para mim devido ao aprendizado teórico e principalmente prático em desenho que construí através delas. Busquei então orientar a minha prática artística no decorrer do curso para o desenho de observação, sobretudo o referente à paisagem, pois esta se constituiu como a temática que eu mais gostei de trabalhar e, assim sendo, a que representei com maior recorrência em meus trabalhos artísticos. No geral, realizei a grande maioria dos meus desenhos em preto e branco, pois me interessava enormemente o contraste entre essas cores.

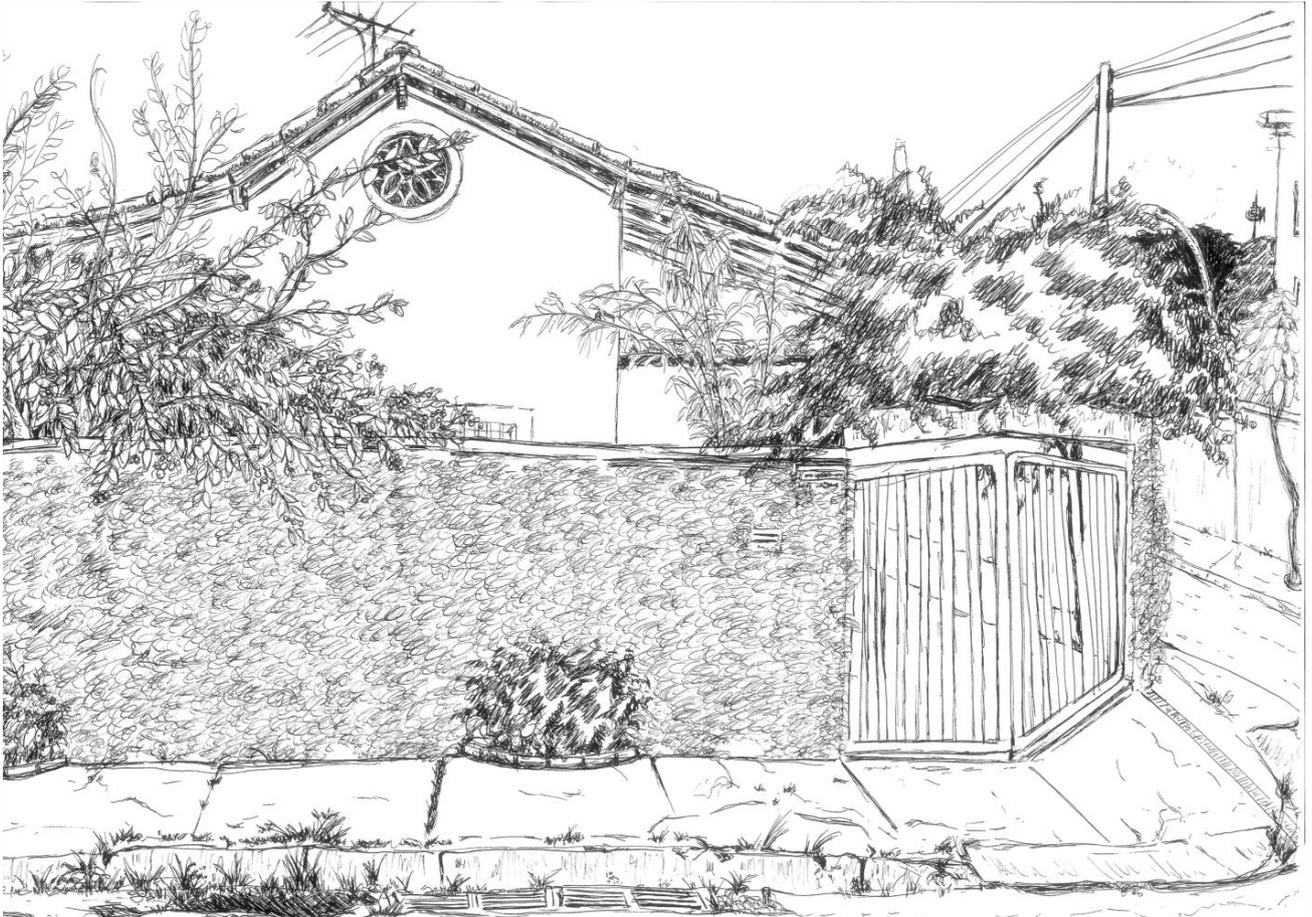
³ Advindo da cidade de Luz-MG e aos meus vinte anos de idade.



Sem título – Pena e tinta nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 33 cm x 48 cm – Data: 2014.



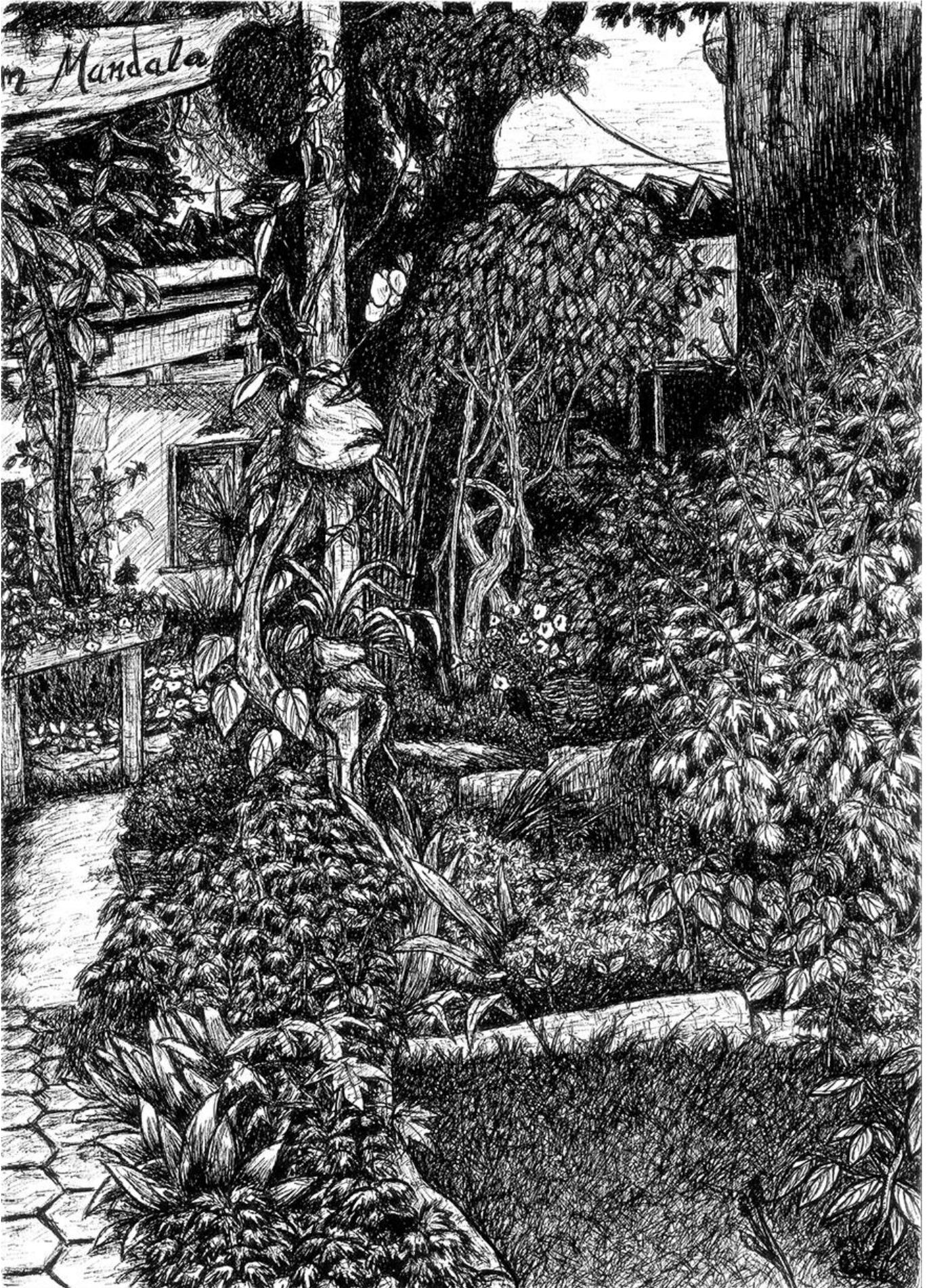
Ambos: Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 100 g/m² – Dimensões: 21,5 cm x 13,7 cm – Data: 2016.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 31,5 cm x 44 cm – Data: 2014.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Super White 180 g/m² – Dimensões: 24,5 cm x 34,5 cm – Data: 2015.



Sem título – Canetas nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 42 cm x 29,5 cm – Data: 2015.



Sem título – Pincel e tinta nanquim sobre papel Canson 200 g/m² – Dimensões: 30,4 cm x 25 cm – Data: 2016.

2.1 A MUDANÇA DE HABILITAÇÃO E A TRAJETÓRIA NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Ainda durante o meu terceiro período de curso, ao reparar como os professores das disciplinas de desenho de observação construíam conhecimentos com os seus alunos a respeito de conceitos e técnicas artísticas, e os orientavam no desenvolvimento de sua prática pessoal de desenho, desenvolvi certo interesse em me situar também no papel de professor de desenho, pensando na possibilidade de dar aulas particulares caso alguma oportunidade surgisse. Meu pensamento era que se eu conseguisse ensinar alguém a desenhar, seria porque de fato eu tinha algum domínio e conhecimento sobre a prática de desenho.

Embora eu soubesse como proceder para desenhar, eu não tinha nenhum conhecimento a respeito da prática docente e sobre como planejar e desenvolver aulas, assim, para contornar essa situação, a partir do meu quarto período de curso comecei a fazer em paralelo à habilitação de desenho disciplinas da habilitação de Licenciatura em Artes Visuais, com o intuito de aprender a ensinar, ou, melhor dizendo, aprender sobre os processos de ensino-aprendizagem (em arte). No decorrer desse meu contato com a licenciatura, quanto mais eu aprendia sobre a prática docente e o ensinar arte, mais interessado e envolvido eu me percebia. Deste modo, decidi então mudar de habilitação e ir para a Licenciatura em Artes Visuais, isso já na reta final e últimos períodos para a conclusão do meu curso.

Outro fator que influenciou na minha inserção na habilitação de Licenciatura em Artes Visuais se deve ao fato de que, ao longo do curso, me senti bastante inseguro sobre como faria para trabalhar e viver unicamente da prática artística. Em conversas com professores e colegas de curso, pude constatar que muitos artistas, principalmente aqueles que não possuíam renome no mercado de arte, não conseguiam ter uma estabilidade financeira somente com a exposição e venda de obras, e assim, na maioria dos casos, acabavam necessitados de outros meios para assegurar ou aumentar a sua renda financeira. Aliado a isso, o modo como o curso se estruturava também alimentava de certa forma esta minha insegurança, pois a meu ver, ele se focava demasiadamente em uma arte voltada para exposições em museus de arte ou centros culturais, e estas, por sua vez, sempre me pareceram se focar acima de tudo na exibição de novas produções e poéticas artísticas, relegando de tal modo o aspecto comercial sob as obras. De tal modo, ao longo de todo o meu curso, nenhuma das disciplinas que cursei teve a preocupação de construir conhecimentos de maneira esclarecedora e/ou aprofundada a respeito da arte tomada sob o ponto de vista comercial, ou ainda sobre o funcionamento do

mercado de arte e seus distintos nichos. Com base em minha experiência pessoal dentro do curso, considerei então que este ensinava seus estudantes a produzir arte, mas não possuía nenhum foco ou preocupação em lhes ensinar a vendê-la. Assim sendo, buscar e aprender sobre os meios de como ganhar dinheiro através da arte se tornava uma tarefa implicitamente a encargo dos próprios alunos. Tudo isso me fez visualizar no ser professor de artes uma carreira com maior seguridade profissional e estabilidade financeira, estando ela também entrelaçada a prática artística tratada como uma área do conhecimento.

Das várias disciplinas que cursei referentes à habilitação de licenciatura, as disciplinas de estágio obrigatório I, II, e III foram as mais significativas para mim, pois elas me possibilitaram a construção de um amplo aprendizado teórico e prático sobre o atuar como professor de artes visuais, sobretudo no contexto de escolas públicas.

Essas disciplinas de estágio se dividiam em dois momentos: no primeiro deles os estagiários frequentavam as aulas de professores (ditos supervisores) em instituições de ensino (públicas ou particulares), buscando observar como se dava a prática pedagógica dos mesmos, e fazendo registros (escritos, imagéticos, etc) de suas percepções e experiências pessoais para com o campo de estágio em questão. No segundo momento, os estagiários se reuniam com o(a) professor(a) responsável pela disciplina na Faculdade de Educação da UFMG, geralmente uma vez por semana, para relatar sobre as suas experiências e vivências no campo de estágio, as quais eram refletidas do ponto de vista pedagógico no coletivo da turma.

O intuito dos estágios se constituía nos estagiários construírem juntamente aos professores (seja o supervisor do campo de estágio ou o responsável pela disciplina) experiências a respeito de como se dá a prática pedagógica em seus mais distintos aspectos, tais como as possíveis vertentes de pensamento, meios e ferramentas a orientar o planejamento e execução das aulas, além de também de buscar possibilitar uma melhor compreensão de como determinados tipos de instituições de ensino se organizam e funcionam na prática.

Todos os meus três estágios foram feitos em escolas públicas e municipais de Belo Horizonte, no período vespertino e acompanhando turmas de 6º, 7º, e 8º anos do ensino fundamental, acrescido de turmas de 9º no terceiro deles.

Realizei os dois primeiros estágios em uma mesma escola no decorrer do ano de 2017, supervisionado por uma professora formada em educação artística pela Escola Guignard. Já o meu terceiro e último estágio fora realizado numa outra escola durante o primeiro semestre de 2018, supervisionado por um professor formado em Pintura e Licenciatura pela Escola de Belas Artes da UFMG. Optei por não revelar aqui os nomes desses profissionais e instituições de ensino por uma questão de integridade e respeito a tais. Então, para os devidos fins chamarei os campos de estágio respectivamente como Escola I e II, e distinguirei os professores supervisores pelo gênero, sendo respectivamente a professora e o professor.

Durante o tempo que permaneci como estagiário me dispus a frequentar essas escolas de dois a três dias por semana, acompanhando as aulas ministradas pelo(a) professor(a) supervisor(a) em determinados conjuntos de turmas.

Nesses estágios pude formular diversas observações e percepções referentes à prática didática dos professores supervisores. Através destas observações/percepções, procurei refletir sobre os aspectos e fatores que me pareciam contribuir ou não para o envolvimento dos alunos nas aulas de arte, e, principalmente, para a construção de um aprendizado em arte significativo para os mesmos. A seguir, destacarei algumas delas que foram mais significativas e relevantes para mim enquanto aspirante a professor de artes e também de desenho.

3. AS OBSERVAÇÕES/PERCEPÇÕES DE ESTÁGIO

A primeira observação que posso mencionar diz respeito a grande parte dos alunos que acompanhei nestes estágios serem pouco familiarizados com conceitos e técnicas referentes à produção de imagens, mais precisamente as de caráter bidimensional. Este fato se mostrou mais evidente e marcante nos meus dois primeiros estágios, dado que por vezes os alunos interrompiam a fala ou leitura de texto da professora para perguntar sobre coisas que ela mencionava em meio à suas frases. Assim perguntavam coisas do tipo: “o que é degradê de cores⁴?”, “o que é contraste?”, “como assim composição?”.

Alguns alunos também não tinham conhecimentos de coisas básicas em arte, como por exemplo, não sabiam que poderiam obter as cores secundárias (laranja, roxo e verde) misturando-se em duplas as cores primárias (azul, vermelho e amarelo). Tal fator demonstra que esses determinados alunos provavelmente não haviam tido até o dado momento experiências, sejam elas de caráter pedagógico ou não, visando à construção de um aprendizado em arte a respeito do uso das cores.

Essa observação me fez considerar que é importante o(a) professor(a) de artes visuais trabalhar em suas aulas conceitos e técnicas referentes à produção de imagens bidimensionais, buscando fazer com que os alunos lhes compreendam do ponto de vista prático, em meio aos processos em arte. Ao assimilar na prática conceitos e técnicas artísticas, os alunos não só se tornam familiarizados com estas, como também adquirem uma maior consciência de sua própria prática artística. De tal maneira passam a compreender melhor e valorizar mais as produções artísticas, sejam as suas próprias ou as de outrem.

Ao longo dos estágios, percebi também que quando o(a) professor(a) apresentava imagens de obras de arte para os alunos, estes, em sua maioria, pareciam gostar e valorizar muito mais as obras de vertente artística realista, principalmente desenhos e pinturas. Ao meu entendimento, isso se deve ao fato de o conceito de arte desses tais alunos, assim como era o meu próprio antes de entrar ao curso de Artes Visuais, situar-se ainda no campo de um senso comum da arte, onde quanto mais verossímil a realidade e mais detalhista uma determinada obra artística se apresenta, maior valor artístico lhe é atribuído. Sob este ponto de vista a

⁴ Passagem sutil de tonalidades de cores, indo da mais escura para a mais escura, ou vice-versa.

valorização da obra não se faz à poética artística que ela carrega, mas sim à sua perícia técnica.

Dado então o apreço que esses alunos atribuíam as habilidades técnicas e a capacidade de representação do artista ao executar obras de arte de vertente realista, grande parte deles demonstravam certo interesse na possibilidade de conseguir fazer algo do tipo, entretanto, ao mesmo tempo, se autolimitavam dizendo que não tinham as capacidades necessárias para tal, se julgando incapazes também de desenvolvê-las. Assim, ao ver obras de arte desse tipo diziam coisas como: “Nossa, que bonito! Pena que eu nunca vou conseguir fazer uma coisa assim!”.

De tal modo, tendiam a pensar que os artistas eram detentores de uma espécie de dom para a arte, e, portanto, consideravam que este era o motivo pelo qual determinadas pessoas eram tão habilidosas e talentosas para produzir trabalhos artísticos, mais precisamente os de vertente realista. Embora os professores supervisores dos estágios buscassem enaltecer aos alunos que qualquer pessoa era apta a conseguir representar imagens realistas, eles geralmente pareciam não dar muita credibilidade a essa ideia.

Visando desconstruir esse pensamento dos alunos de que os artistas são capazes de representar imagens realistas devido a uma espécie de dom artístico, se faz importante que o(a) professor(a) de artes visuais procure trabalhar com seus alunos propostas pedagógicas que vissem a construção de um aprendizado prático sobre a produção de imagens realistas. Através disso, o(a) professor(a) deve procurar mostrar a seus alunos que as habilidades artísticas são fruto de um aprendizado de arte, e que podem de fato ser desenvolvidas por qualquer pessoa que se disponha a estudar e praticar determinadas linguagens e técnicas artísticas. Além do mais, ao construir conhecimentos práticos em arte, os alunos passam a valorizar esta enquanto processo.

Para se trabalhar com a arte realista no contexto de escolas públicas, considero que a linguagem desenho seja uma boa opção, pois ele pode ser feito com recursos materiais mínimos, como lápis e papel, e geralmente é o meio de expressão artística que os alunos são mais familiarizados, pois é comum que eles façam desenhos na escola ou em casa já desde seus primeiros anos de idade. Ainda, ressalto que é importante que o professor de artes visuais que visse ensinar a seus alunos técnicas referentes à produção de desenhos realistas, detenha ou construa uma experiência prática nesse sentido, mesmo que mínima, para que assim possa demonstrar a seus alunos na prática os conhecimentos que se propõe a ensinar. Algumas

alternativas a esse fator seriam, por exemplo, o(a) professor(a) convidar algum(a) artista para trabalhar com os alunos técnicas referentes a produção de imagens realistas, ou ainda, utilizar-se de vídeo-aulas, livros técnicos de desenho ou qualquer outro recurso que possibilite de alguma forma os alunos construírem aprendizados a esse respeito.

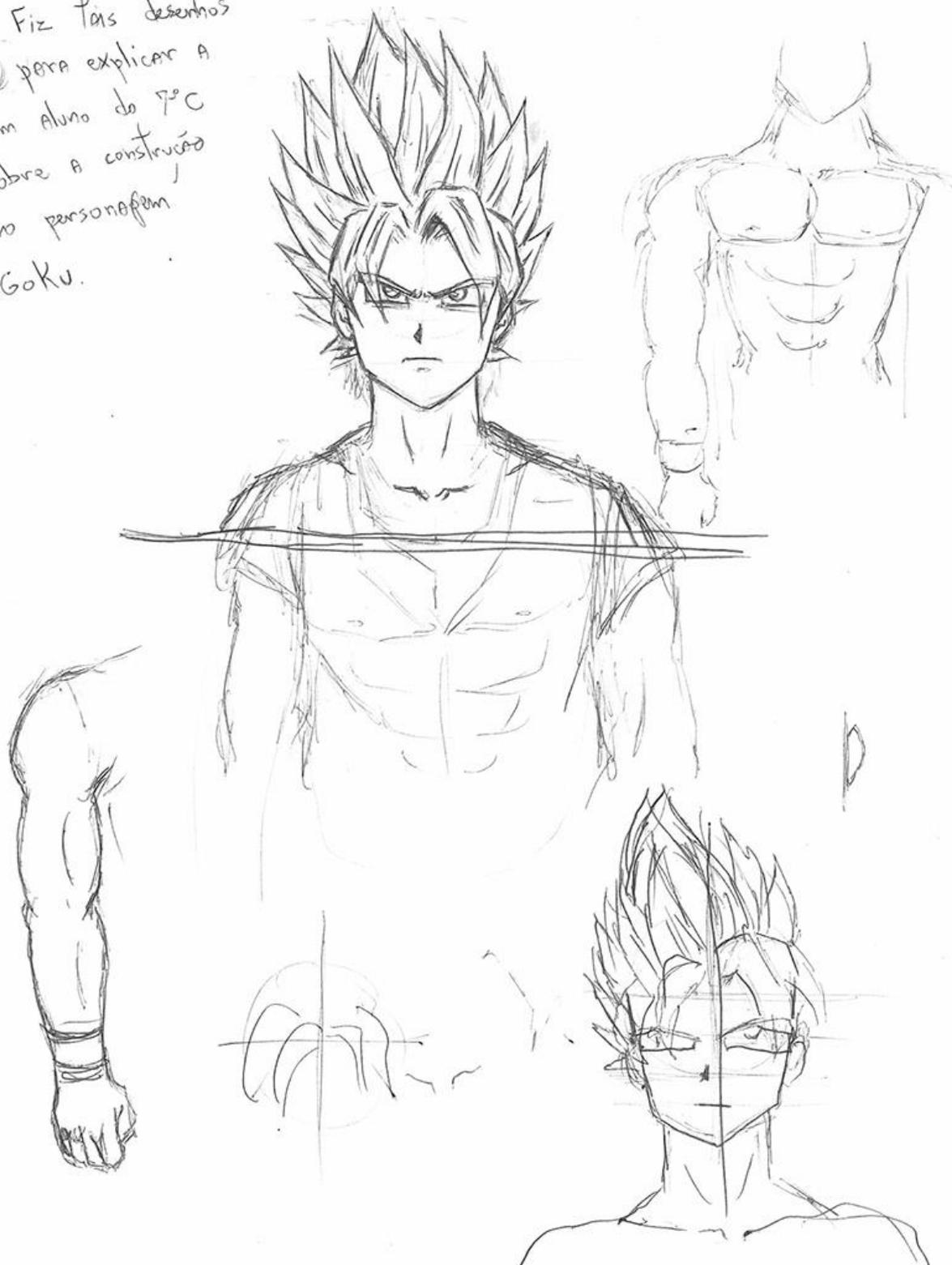
Outra percepção que tive nos estágios é que os alunos compreendem melhor e com mais facilidade algo quando elucidado através do exemplo prático ou demonstrado de maneira visual. Para exemplificar esta percepção cito uma experiência ocorrida no meu terceiro estágio:

Certo dia eu estava numa sala de aula acompanhando uma turma de 7º ano na escola II quando reparei que alguns alunos estavam desenhando (ou tentando desenhar) em seus cadernos personagens da série em mangá e anime intitulada Dragon Ball. Vi que um desses alunos em específico estava tentando reproduzir o personagem Goku, protagonista da série, no entanto, o seu desenho não estava parecido de fato com o tal personagem. Logo constatei que isso se fazia porque a estrutura anatômica do corpo e rosto do personagem não estava de acordo com o desenho original. Assim, ainda em meio à aula, comecei a desenhar (em uma folha sulfite A4) também o personagem Goku procurando lembrar suas características fisionômicas. Enquanto eu desenhava, tais alunos se colocaram a me observar atentamente e a perguntar como eu fazia para desenhar determinadas partes do rosto e corpo do personagem. Procurei então esclarecer-lhes certas características da fisionomia do personagem mostrando-lhes na prática como eu procedia para desenhá-lo. Em meio a essa interação, dei a eles algumas dicas e orientações de como poderiam proceder para tornar os desenhos dos personagens de Dragon Ball que estavam fazendo mais semelhantes aos originais. Passada essa aula em questão, quando na semana seguinte voltei a referir a turma para acompanhar novamente a aula de artes, esses mesmos alunos me mostraram novos desenhos que fizeram dos personagens de Dragon Ball aplicando as dicas e orientações práticas que eu havia lhes passado anteriormente. Notei, então, uma significativa melhora e evolução em seus desenhos se comparados aos anteriores, sobretudo com referência a anatomia e semblante dos personagens. A seguir se encontram os desenhos do personagem Goku feitos, respectivamente, pelo aluno e por mim na aula relatada. Infelizmente, esqueci-me de fotografar os desenhos que os alunos realizaram aplicando as dicas e orientações dadas por mim, portanto, não tenho fotos desses desenhos para poder apresentar aqui.



Estágio III

Fiz três desenhos
para explicar a
um aluno do 7º C
sobre a construção
do personagem
Goku.



Essa e outras experiências que vivenciei nos estágios deixaram claro para mim que os alunos assimilam conhecimentos em e sobre arte de maneira mais fácil e eficiente quando conseguem literalmente visualizar sua aplicação na prática. De maneira bastante simplificada e resumida, posso dizer que os alunos aprendem vendo. Obviamente, isto não se válida para alunos cegos, dado que estes compreendem o mundo e as coisas por outros sentidos que não o da visão.

Essa relatada experiência de desenho do personagem Goku se relaciona também a uma última observação/percepção a citar aqui, a qual diz respeito aos alunos se envolverem mais com as propostas pedagógicas quando eles conseguem visualizar sobre elas alguma conexão com a sua realidade vivenciada ou cultural e, sobretudo, quando elas partem de seus próprios interesses em arte. Deste modo, se faz interessante que o(a) professor(a) de artes conheça, mesmo que minimamente, as realidades de seus alunos e saiba ouvir seus interesses de expressão artística, para que assim possa planejar suas propostas pedagógicas levando em consideração estes aspectos.

É importante ressaltar que essa tarefa se configura como um verdadeiro desafio para o(a) professor(a) de artes, sobretudo para aqueles atuantes em escolas públicas, pois a superlotação de alunos por turma (média de 30 alunos); a grande quantidade de turmas a encargo dos professores; o tempo curto de duração de aula (média de 50 minutos); a baixa frequência de aulas de artes, geralmente havendo apenas uma aula de artes por semana em cada turma; e ainda muitos outros fatores tornam extremamente difícil o(a) professor(a) de artes ouvir a todos os seus alunos e procurar trabalhar todos os possíveis conteúdos de interesse deles. Ainda, planejar e ministrar distintos tipos de conteúdos simultaneamente conforme o interesse de cada aluno ou turma exige do(a) professor(a) um tempo muito extenso de planejamento de aulas e também certo conhecimento sobre as mais distintas áreas, linguagens e técnicas artísticas, o que dificilmente se faz possível ou viável para o(a) professor(a) de artes.

Todas essas mencionadas observações/percepções construídas ao longo dos meus estágios foram de suma importância para que eu pudesse compreender certos processos envolvidos no ensino de artes visuais, mais especificamente em escolas públicas e para alunos do ensino fundamental. Além disso, elas me apontaram certos aspectos e conteúdos que poderiam ser trabalhados e desenvolvidos com os alunos nas aulas de artes visuais, se

constituindo então como fundamento de uma proposta de desenho de observação de objetos que executei no meu terceiro estágio.

4. A PROPOSTA DE DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETOS

Esta referente proposta foi desenvolvida na escola II para com as turmas de 6ºA, 6ºD, 7ºA, 7ºC, 8ºC, e 9ºB que acompanhei, contendo alunos numa faixa etária entre 11 e 15 anos aproximadamente. Seu intuito foi construir com esses alunos conhecimentos teóricos e práticos em arte referentes à compreensão da forma, volume e jogo de luz e sombra nos objetos, visando proporcionar aos alunos aprendizados que lhes possibilitassem produzir desenhos de caráter realista, dado que esse era um interesse provindo deles. Ressalto que em nenhum momento do desenvolvimento dessa proposta, a vertente de arte realista foi tratada como melhor ou superior a outras distintas.

Escolhi trabalhar nesse contexto com a prática de desenho de observação devido ao considerável conhecimento teórico e prático que detenho a seu respeito, e, sobretudo, por considerar que ela possibilita o desenvolvimento das capacidades necessárias para se aprender a desenhar qualquer coisa do mundo em si.

Dentre essas tais capacidades posso dizer que se fazem: a capacidade de imaginar linhas e formas a estruturar a imagem das coisas observadas na realidade; de estabelecer relações de tamanho, escala e distanciamento entre estas; de compreender visualmente o volume e a perspectiva sobre os corpos; de comparar distâncias e proporções entre as suas partes constituintes; de prestar atenção aos seus detalhes; etc. Além disso, o desenho de observação também acaba por proporcionar o desenvolvimento de um conhecimento e domínio técnico a respeito dos materiais utilizados em sua execução.

Para a execução da proposta, pedi previamente aos alunos para trazer de casa um objeto relativamente simples, pequeno e caracterizado por formas geométricas, o qual eles utilizariam para fazer seus desenhos de observação. Tal pedido levou em consideração os seguintes fatores:

- O intuito de trazerem objetos de casa era para que escolhessem objetos que lhes interessassem de alguma forma e que, provavelmente, se fizessem distintos uns dos outros, pois considerei que se todos os alunos desenhasssem um mesmo objeto (padrão), possivelmente eles ficariam comparando seus desenhos com os dos demais colegas ainda em meio ao seu processo de construção, o que acabaria por gerar certo sentimento de

inferioridade e frustração aos alunos que se considerassem menos habilidosos em desenho.

- Objetos muito complexos e/ou cheios de detalhes seriam difíceis de desenhar, assim sendo, o intuito era que os alunos desenhassem objetos caracterizados por uma aparência geometrizada e simples, portanto, mais fácil de desenhar.
- Objetos pequenos se faziam mais fáceis de transportar para a escola e também mais aptos a serem colocados em cima das carteiras para a observação, dado que ocupam pouco espaço.

Aos alunos que não trouxeram algum objeto diverso de sua casa para a execução da proposta, sugeri que utilizassem certos tipos de objetos recorrentes ao espaço escolar e acessíveis a eles no dado momento, como por exemplo, frascos de corretivo de caneta, apontadores de lápis, garrafas de água, frascos de desodorante, etc.

A proposta se deu em uma sequência pedagógica de três aulas (distintas e de uma hora de duração cada) orientadas pelas seguintes diretrizes:

- Aula 1 – desenhar a forma do objeto observado.
- Aula 2 – observar e representar e o jogo de luz e sombra e as tonalidades de cor sob o objeto.
- Aula 3 – dialogar e refletir coletivamente sobre os desenhos produzidos e a experiência da proposta em si.

Seu planejamento e desenvolvimento se fizeram levando em consideração as observações/percepções de estágio anteriormente relatadas e também determinadas informações apresentadas por Thiago Spyked⁵ em um de seus vídeos para o Youtube, intitulado “10 ERROS do desenhista INICIANTE”. Nesse vídeo, ele aborda, esclarece e aponta soluções para alguns erros relacionados aos processos de ensino-aprendizagem em desenho geralmente cometidos por desenhistas iniciantes e/ou ditos ainda pouco experientes para com a prática de desenho.

Dentre alguns pontos abordados no referente vídeo e os quais procurei trabalhar nesta proposta se fazem:

⁵ Desenhista, quadrinista e professor de Artes Visuais carioca.

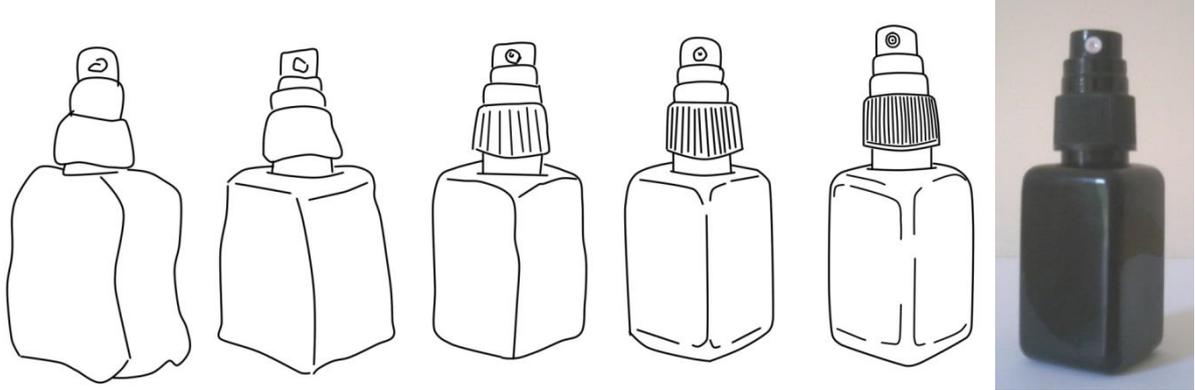
- O enaltecer a prática artística (nesse caso o desenhar) enquanto processo, buscando evitar que o foco dos trabalhos produzidos se volte demasiadamente ao seu resultado final.
- O tentar e errar sob o ato de desenhar tomado como um mecanismo de aprendizado.
- A busca por identificar supostos erros feitos ao desenho e procurar corrigi-los através de novos desenhos subsequentes.
- O terminar/concluir cada desenho antes de começar a fazer outros, para que assim se faça possível analisar-lhe em sua completude e considerar os seus determinados aspectos que contribuíram para que ele fosse (ou não) em direção a sua intenção artística.

4.1 O DESENVOLVIMENTO PRÁTICO DA PROPOSTA

4.1.1 Aula 1 – Desenho da forma do objeto

Iniciei esta aula pedindo aos alunos em cada turma para que deixassem sobre suas carteiras apenas caneta(s), o objeto que escolheram para desenhar e também uma ou duas folha de papel sulfite tamanho A3, entregues a eles para que realizassem os seus desenhos de observação. Feito isso, disse aos alunos que na prática de desenho de observação a ser desenvolvida nessa aula, eles deviam buscar representar a forma de seus respectivos objetos.

Para lhes exemplificar como isso se faria do ponto de vista prático, realizei ao quadro uma sequência de desenhos de observação de um pequeno frasco de perfume (objeto modelo) buscando representar a sua forma. Fiz o primeiro desses desenhos propositalmente de maneira apenas sugestiva ao objeto, e, nos desenhos posteriores, busquei pouco a pouco tornar a representação mais similar e realista a aparência do objeto em si. Por meio desse processo procurei esclarecer aos alunos duas coisas: a primeira delas é que para que eles conseguissem desenhar seus objetos de maneira verossímil, precisavam compreender bem a aparência e tridimensionalidade deles, mais precisamente as suas formas e volume. A segunda é que não havia problema em errar ou não conseguir acertar a representação de seus objetos na(s) primeira(s) tentativa(s) de desenhá-los, pois a prática aqui se orientaria justamente pelo exercício da tentativa e erro sob o desenhar.

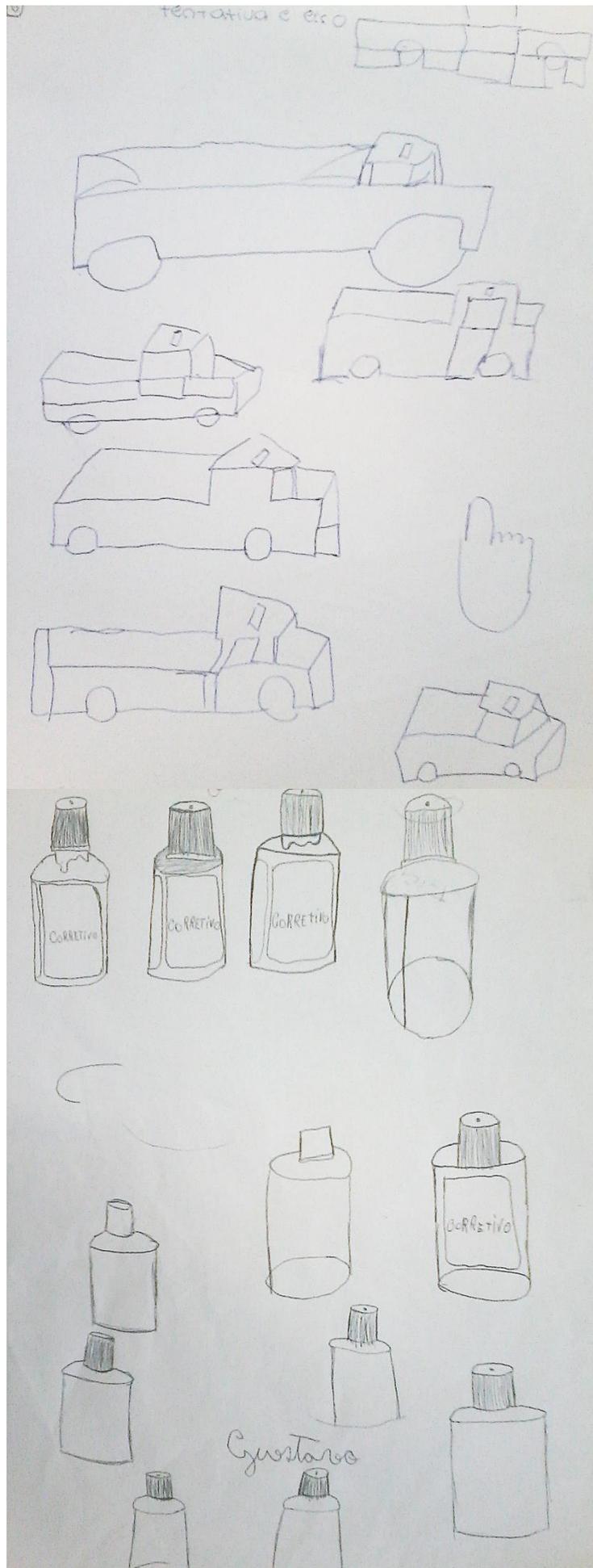


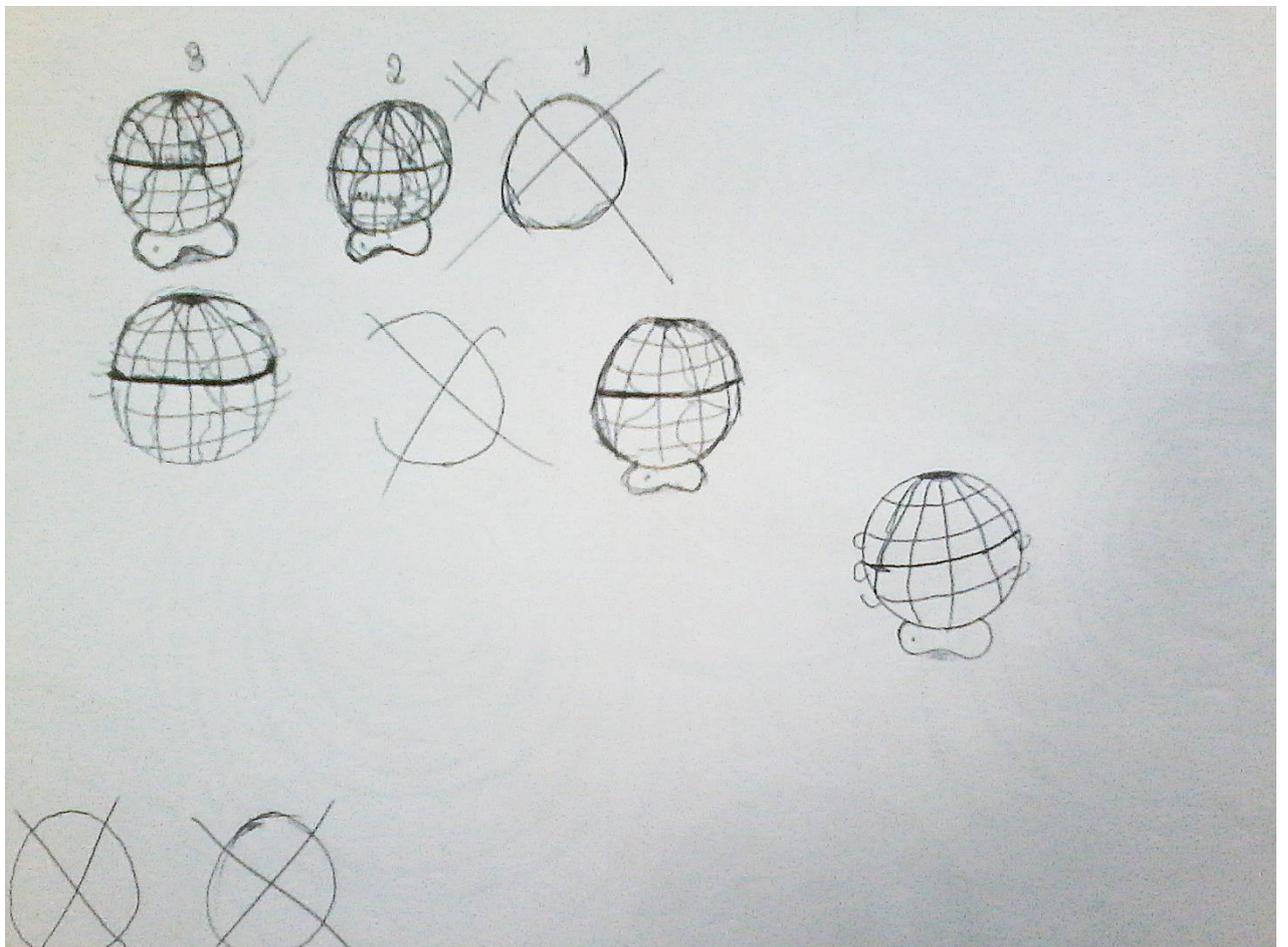
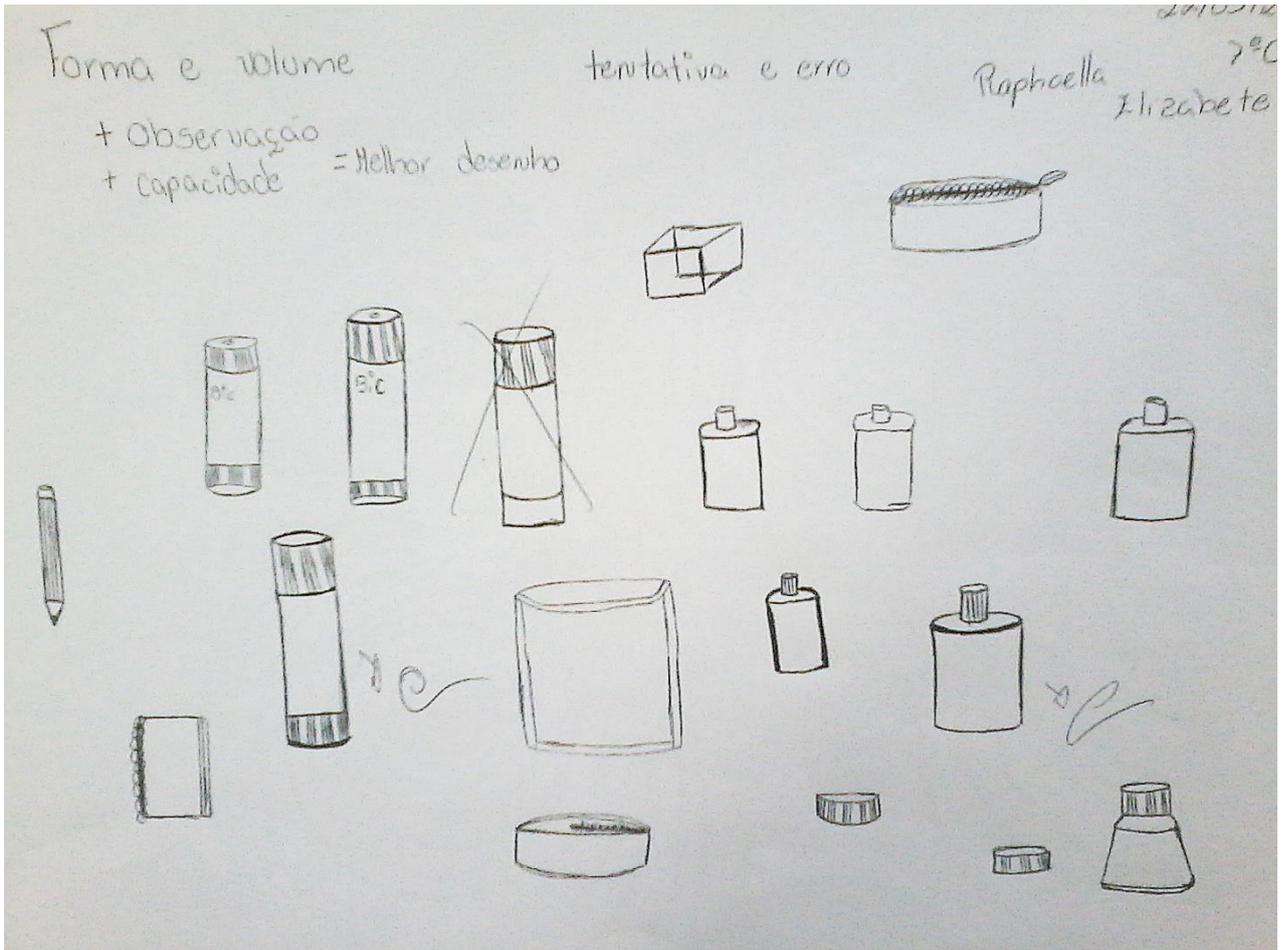
Assim como havia dado o exemplo prático, os alunos deviam então fazer uma sequência de desenhos de seu respectivo objeto através da observação, procurando tornar mais verossímil a sua representação do mesmo a cada novo desenho feito, conforme o possível dentro das capacidades de desenho de cada um. Deviam desenhar direto à caneta para assim evitar que apagassem os vários rascunhos e desenhos a orientar/esclarecer seu processo, pois, posteriormente, na terceira aula da proposta, os analisaríamos em seu conjunto a fim de determinar se cada aluno em questão conseguiu (ou não) progredir em seus desenhos visando o realismo.

Ainda em meio à didática da aula orientei os alunos sobre como poderiam construir o desenho de seus objetos tomando como base formas geométricas tridimensionais, tais como cubo, esfera, cilindro, cone e etc. Também enalteci que se focassem em desenhar somente as linhas a estruturar a forma de seu objeto e, que não deviam colorir os desenhos, já que isso se destinava a ser feito na segunda aula da proposta.

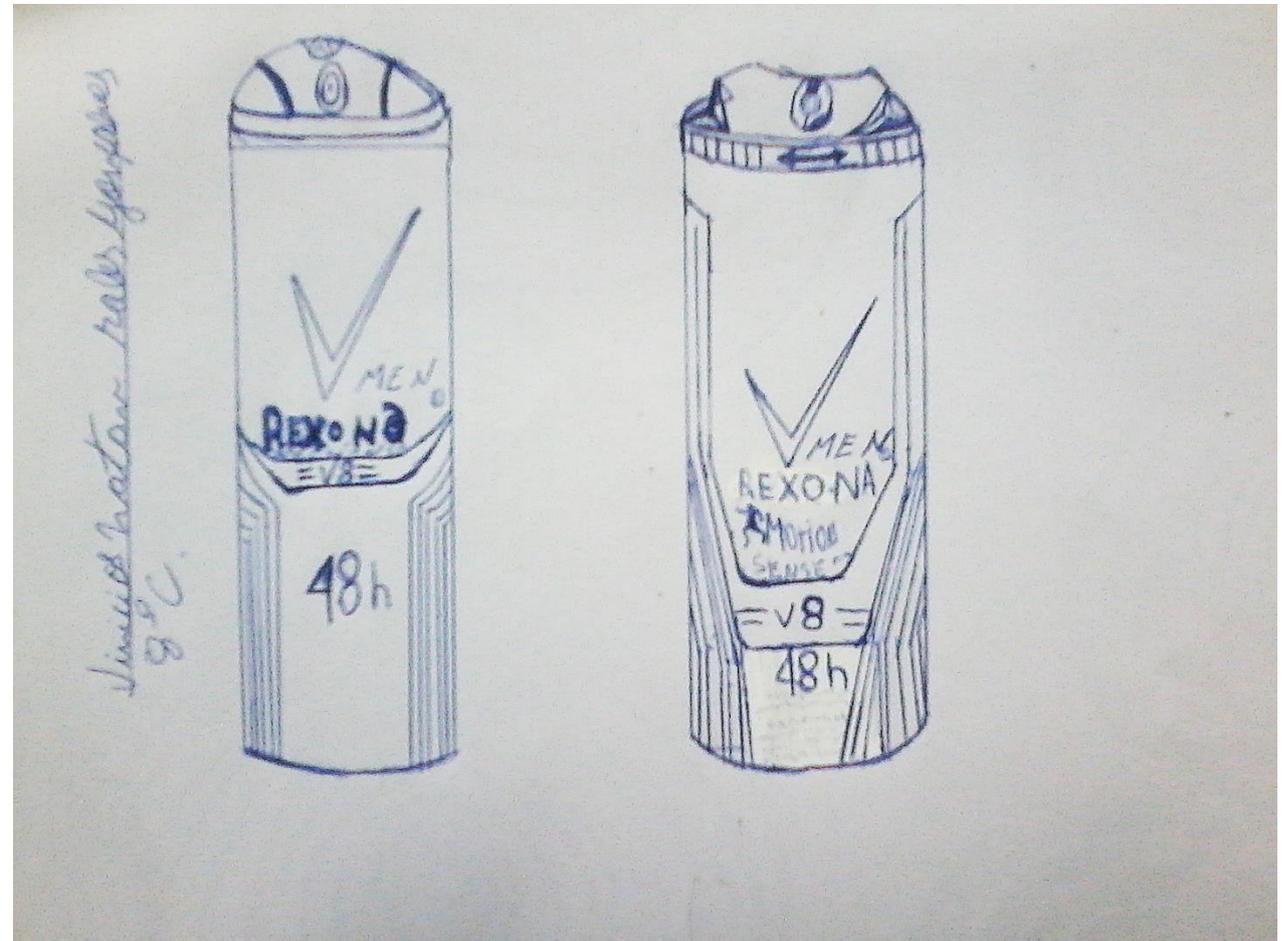
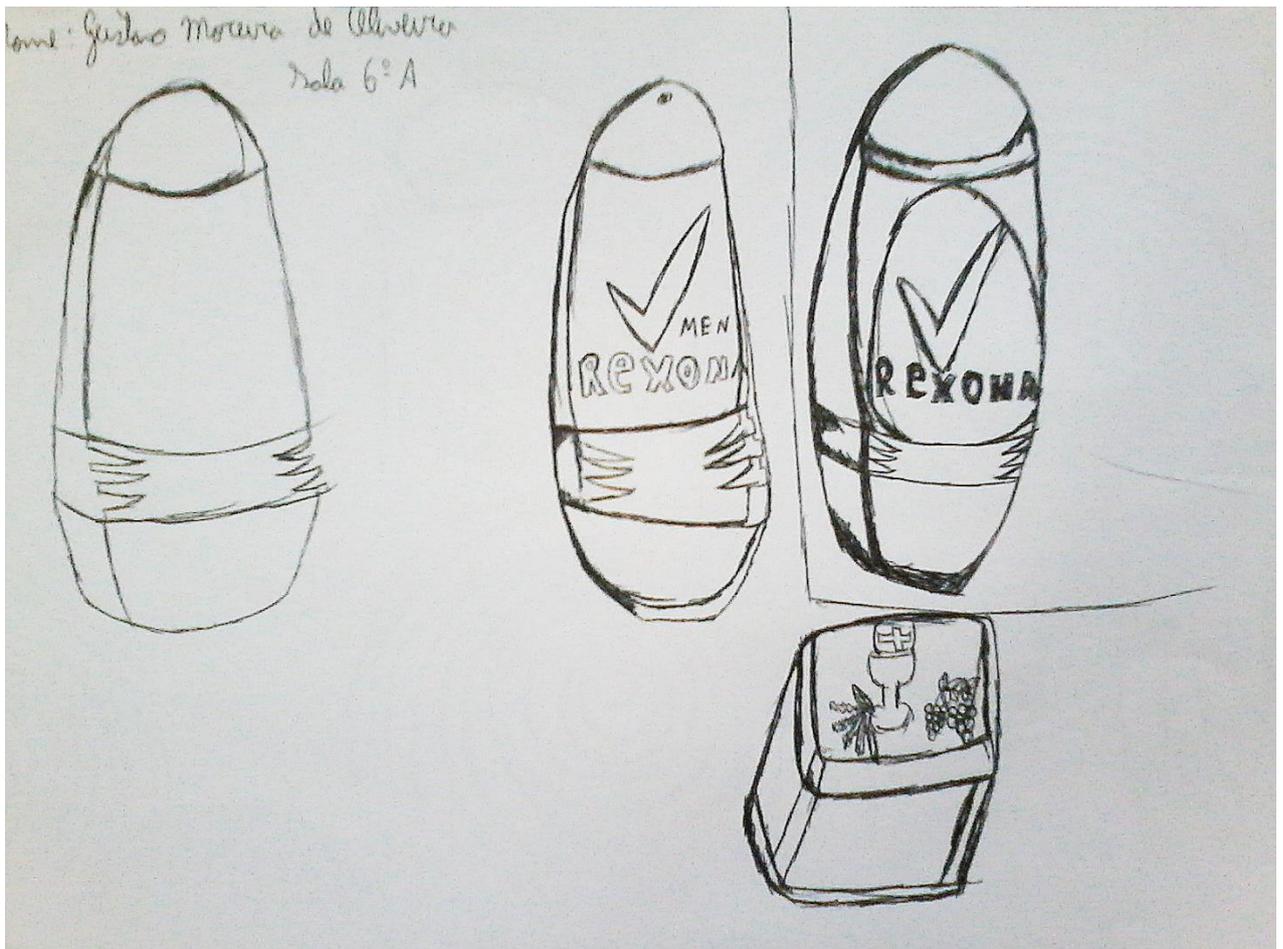
Ao longo da aula, o professor de artes e eu ficamos vagando pela sala dando orientações e dicas individuais aos alunos a fim de ajudá-los a construir seus desenhos.

Dentre a grande quantidade de desenhos produzidos pelos alunos das várias turmas, selecionei para apresentar aqui alguns que considero que ficaram esteticamente mais interessantes e que carregam bem o intuito proposto e desenvolvido nessa aula.

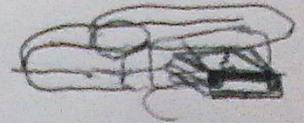
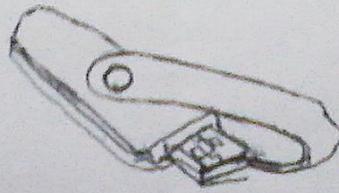




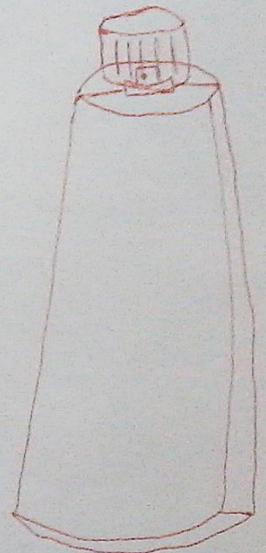
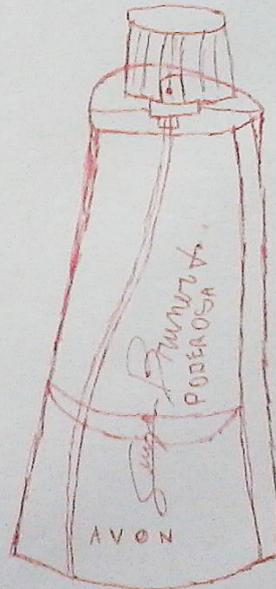
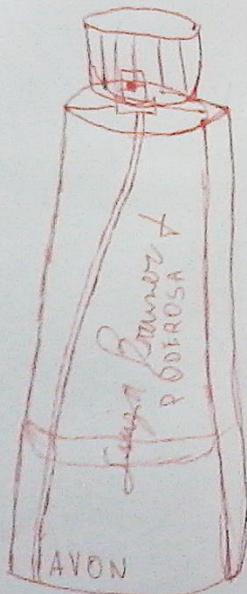
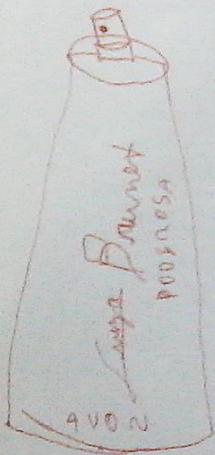
Line: Gustao Maura de Oliveira
Data 6º A

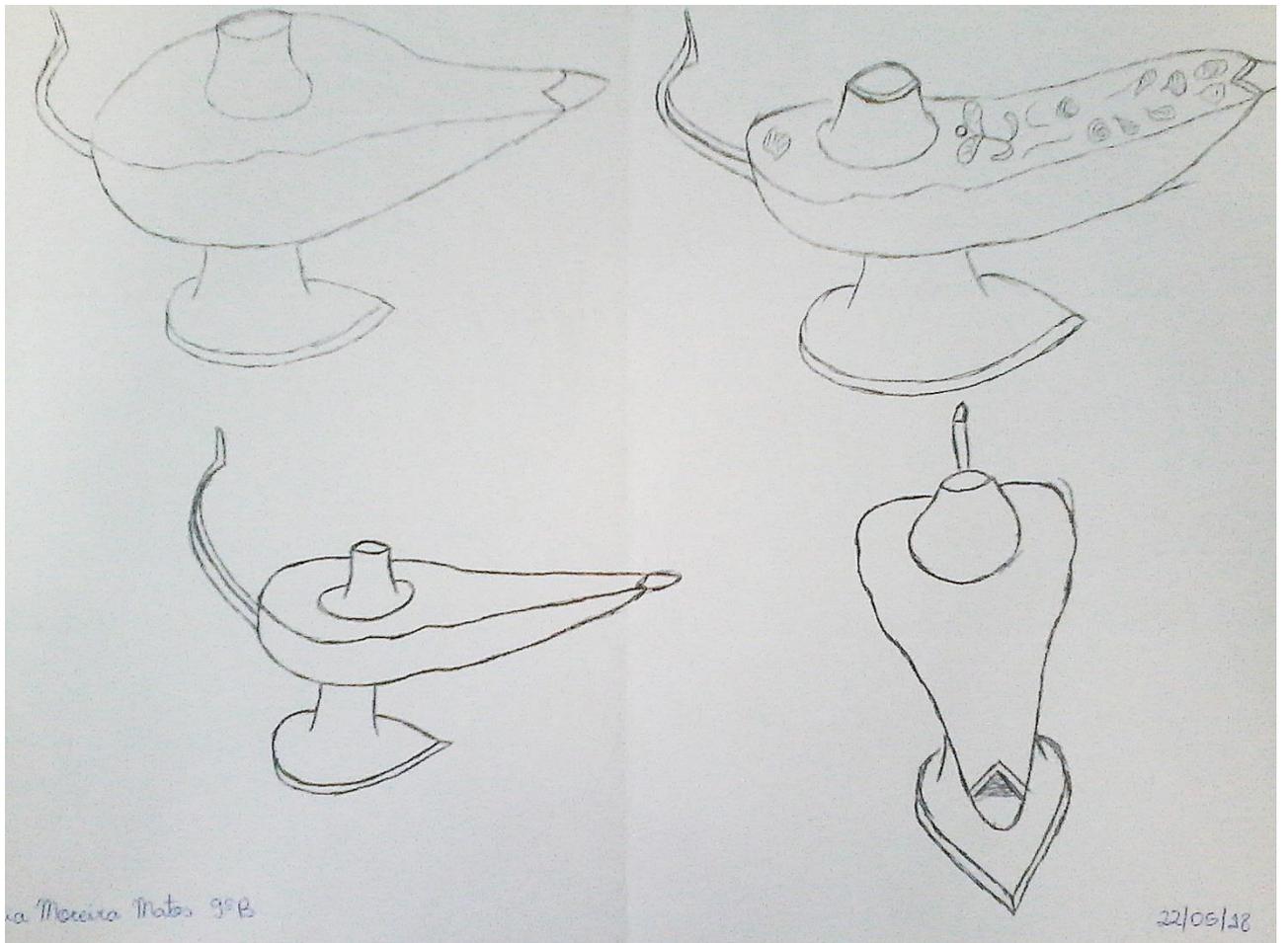


Augusto 8°C



Samilly





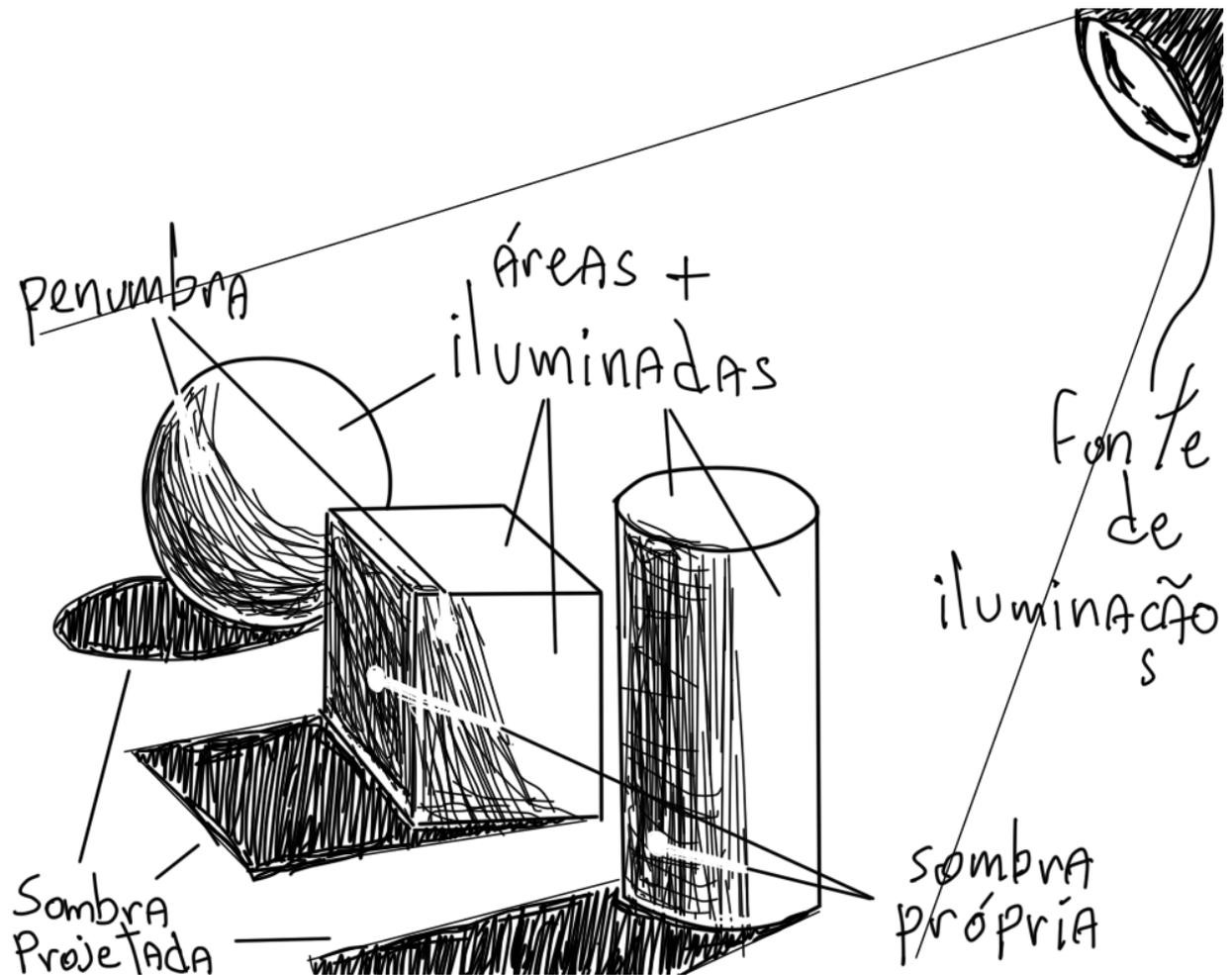
4.1.2 Aula 2 – Observar e representar o jogo de luz e sombra e as tonalidades de cor do objeto

Planejei que esta aula se fizesse em um ambiente escuro e contendo uma única fonte de luz a iluminar os objetos, pois o intuito era simular sob os mesmos efeitos de luz e sombra para que os alunos pudessem observá-los e desenhá-los ao longo da aula. Para isso, o professor de artes e eu utilizaríamos uma lâmpada conectada a uma extensão para servir como fonte de iluminação e desenvolveríamos a aula no Laboratório de Informática da Escola, já que este espaço contava com cortinas que poderiam inibir a luz solar vinda das janelas e, também continha alguns tablados em que os alunos poderiam se sentar ao redor e colocar seus objetos em cima de modo a serem iluminados simultaneamente pela lâmpada. Entretanto, não foi possível utilizar esse espaço devido a questões de ocupação do mesmo, portanto, tive então de desenvolver essa segunda aula da proposta nas salas de aula.

Dei início a essa aula em cada turma instigando os alunos a observar atentamente seus objetos, procurando visualizar neles sombras e tonalidades de cores. Essa tarefa, no entanto, se fazia um tanto difícil para eles devido à iluminação difusa nas salas de aulas. Sendo assim, utilizei-me novamente do frasco de perfume como objeto modelo e aproximei dele a lâmpada acesa, de modo a acentuar a variação de suas tonalidades de cor (preta) e tornar mais evidente as sombras sob ele. Por meio desse processo procurei demonstrar aos alunos como a iluminação é responsável por compor o jogo de luz e sombra nos objetos, e, também, por influenciar a nossa percepção das suas tonalidades de cor.

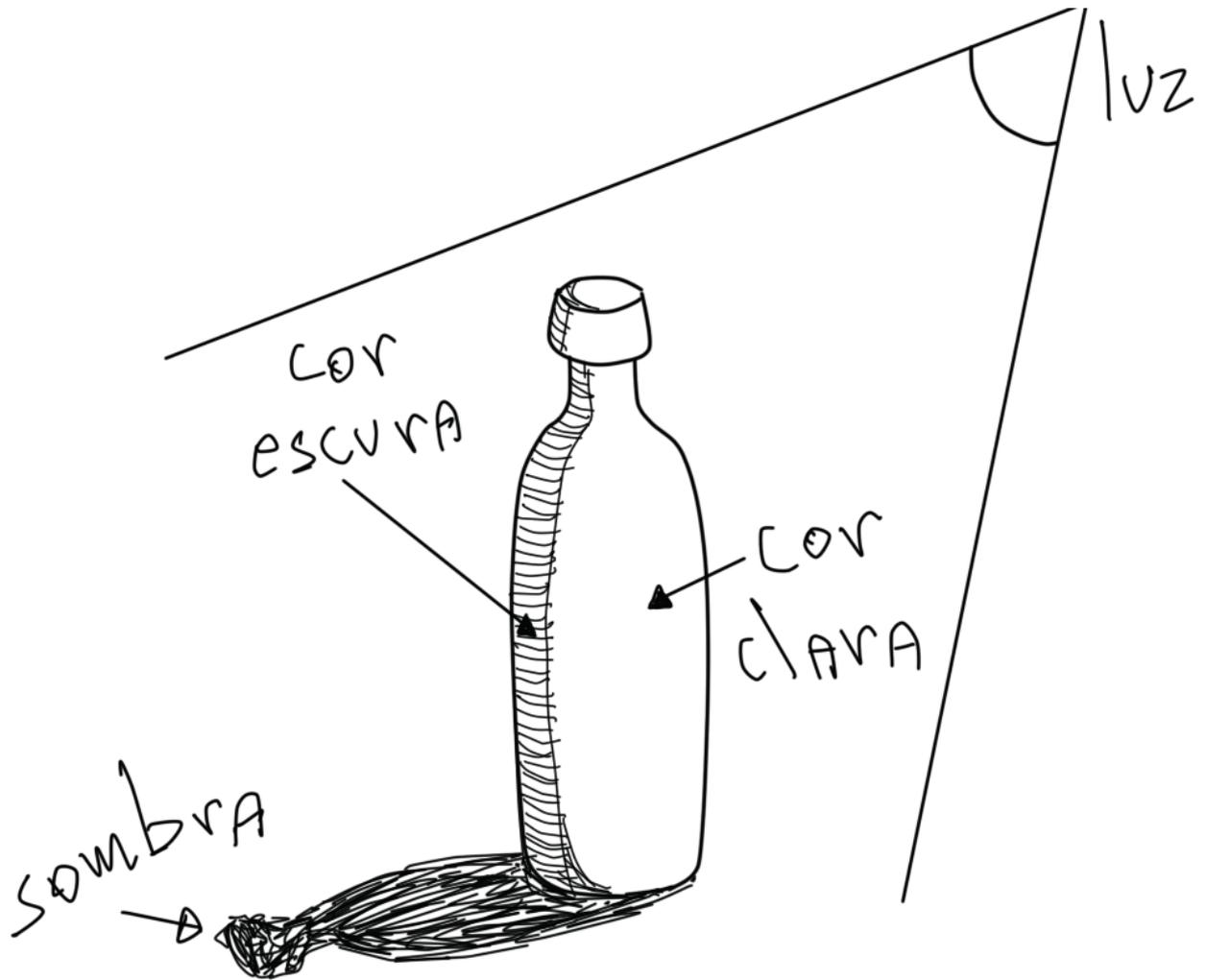
Logo em seguida, me dispus a explicar aos alunos, por meio de desenhos feitos ao quadro, sobre o conceito de luz e sombra aplicado na representação de imagens bidimensionais. Disse a eles que, através da representação do jogo de luz e sombra nos seus desenhos de objetos, poderiam criar neles uma sensação de volume e solidez, e assim lhes dar um aspecto mais realista.

Nas primeiras turmas que desenvolvi essa aula, apresentei o conceito de luz e sombra teorizado conforme a imagem a seguir:



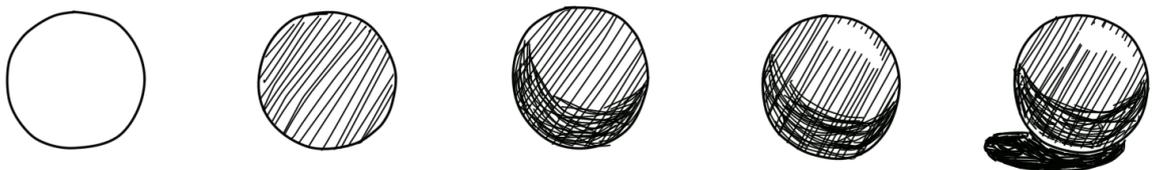
Por meio desta imagem expliquei aos alunos que as sombras dos objetos, sejam as suas próprias ou as projetadas por eles, sempre se faziam do lado oposto à(s) fonte(s) de iluminação. Ainda, apontei que a ilusão de volume e solidez criada nesses desenhos, se dava pelo degradê de cinza a simular respectivamente áreas de luminosidade, penumbra e sombra nos objetos representados.

No decorrer das aulas notei que os alunos estavam tendo dificuldade para compreender essa teorização apresentada sobre o conceito de luz e sombra. Logo percebi que isso estava ocorrendo devido à complexidade e grande quantidade de informações que a teorização carregava. Senti então a necessidade de simplificar e reduzir a quantidade de informações apresentadas na teorização sobre o conceito de luz e sombra, a fim de facilitar o seu entendimento para os alunos. Deste modo, nas turmas posteriores, apresentei tal conceito teorizado conforme a imagem abaixo:



Nesta imagem simplifiquei o jogo de luz e sombra dos objetos à identificação de duas tonalidades de cor neles, uma mais clara, referente às áreas mais iluminadas do objeto, e uma mais escura, referente à suas áreas sombreadas. Descartei, portanto, a questão do degradê de cores a constituir a volumetria dos objetos.

Posteriormente, já para com as últimas turmas em que desenvolvi essa aula, reformulei novamente a explicação teórica sobre o conceito de luz e sombra, e a apresentei na forma de um tutorial de transformação de um círculo em uma esfera.



Esta última abordagem parece ter funcionado melhor para o entendimento dos alunos, já que eles conseguiram entender como a construção do volume e aspecto tridimensional da

esfera, se dava a partir da aplicação das tonalidades de cor (cinza) e do jogo de luz e sombra e ao que antes era um mero círculo.

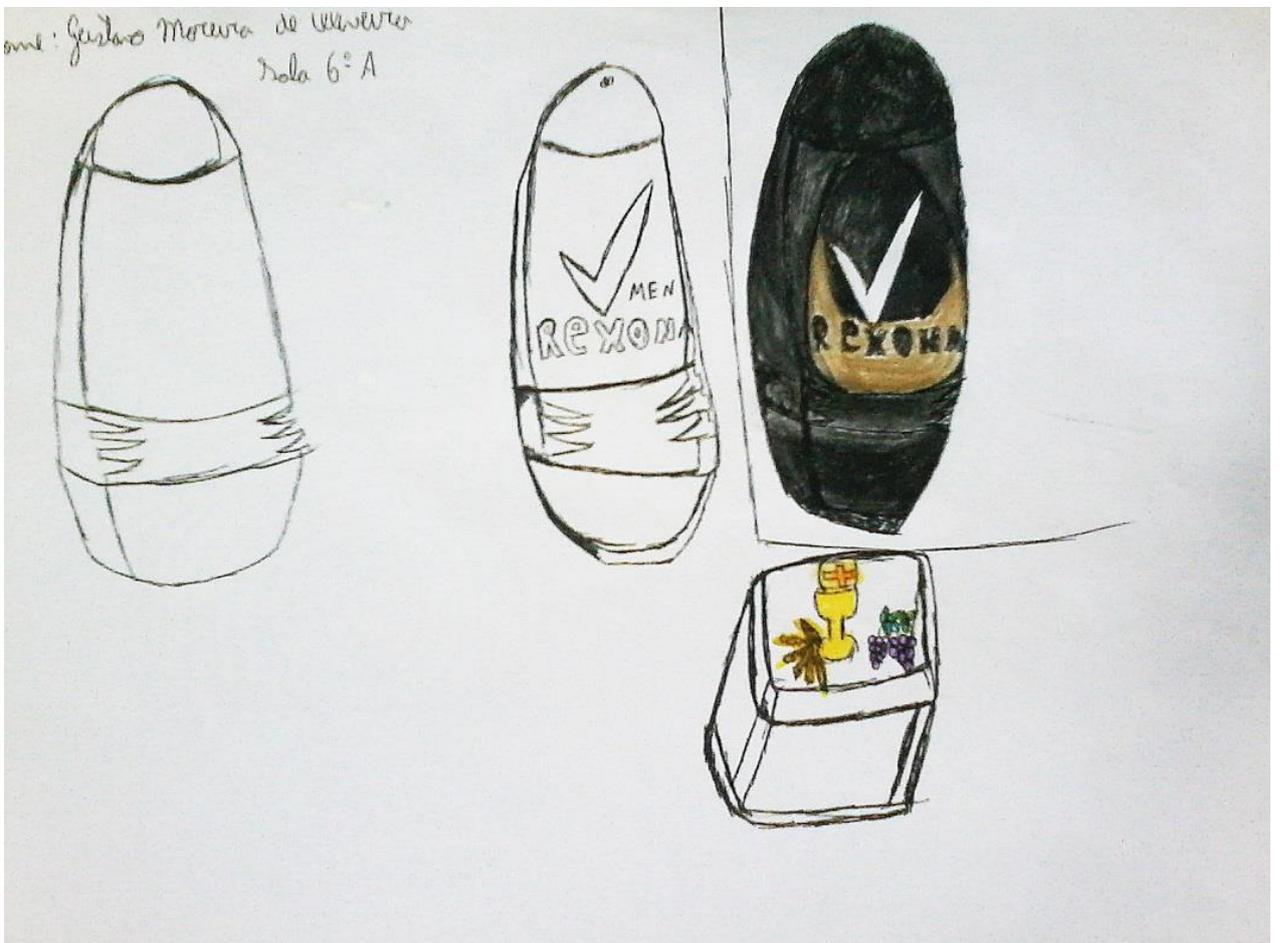
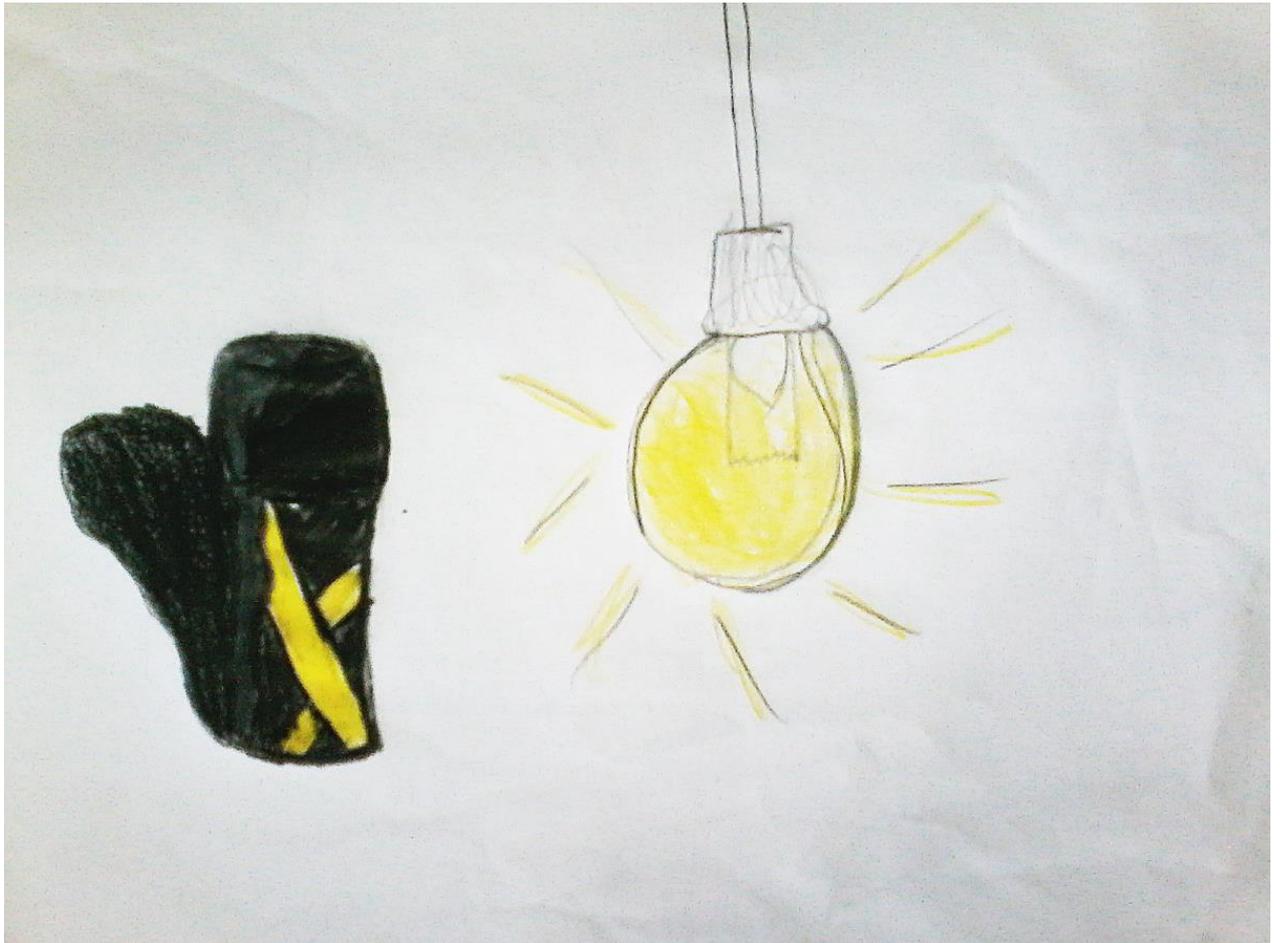
Embora a teorização sobre o conceito de luz e sombra nos objetos tenha ocorrido de maneira diferente em determinadas turmas, em todas elas a prática desenvolvida foi a mesma.

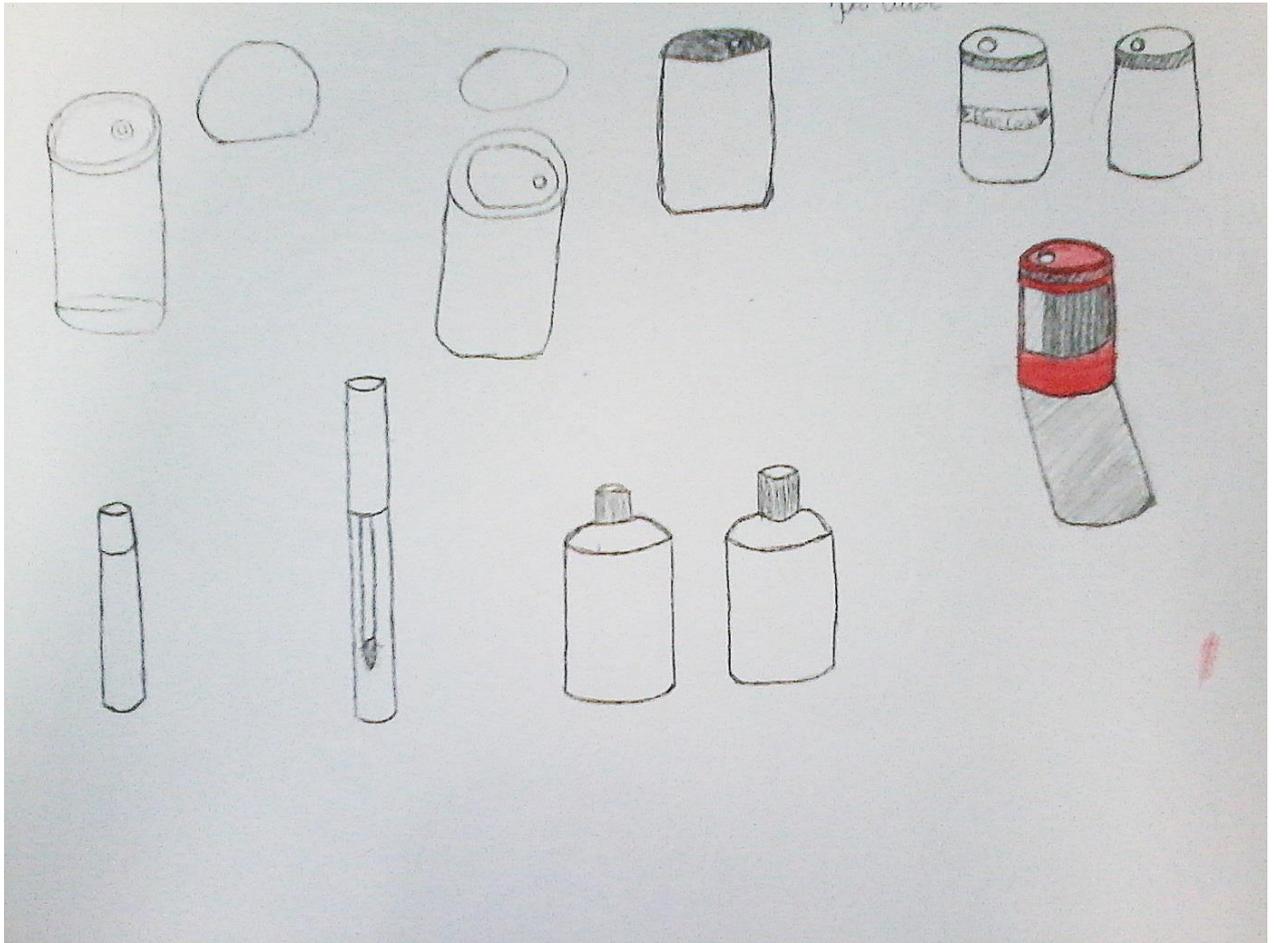
O professor de artes e eu entregamos a cada aluno um xerox (em folha sulfite tamanho A3) de seus respectivos desenhos feitos na aula anterior. Nos xerox recebidos, os alunos deviam colorir utilizando lápis de cor pelo menos um dos desenhos reproduzidos. O colorido devia ser feito conforme os efeitos de luz e sombra e as tonalidades de cor que os alunos conseguissem identificar nos seus respectivos objetos, observados da mesma posição em que o desenho. Aos alunos que não levaram o seu objeto para poderem observá-lo novamente, disse que poderiam inventar as tonalidades de cor e efeito de luz e sombra em seus desenhos, no entanto, deviam se basear nas informações passadas na didática da aula. Já para os alunos que não tinham lápis de cor, sugeri que usassem outros tipos de materiais disponíveis, podendo também utilizar seus lápis de escrever ou canetas para colorir os desenhos em tons monocromáticos.

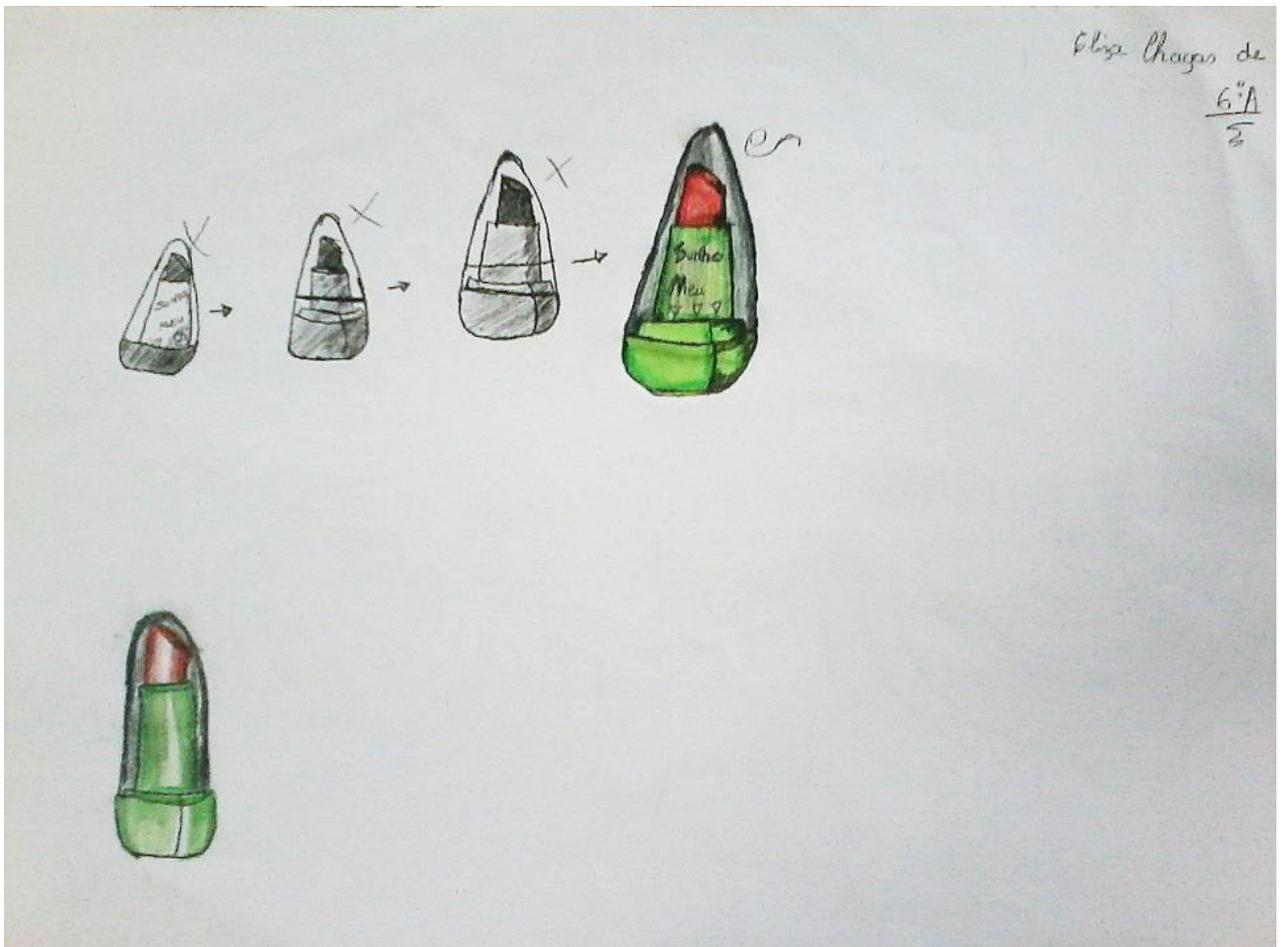
O objetivo dos alunos colorirem os desenhos configurados no xerox ao invés dos originais constituía-se em manter estes últimos sem novas interferências, para que de tal maneira, na aula posterior, os desenhos originais e os coloridos no xerox pudessem ser comparados entre si, a fim de se averiguar em que medida a aplicação de cores e a adição de efeitos de luz e sombra nos desenhos, contribuíram ou não para lhes dar um aspecto mais realista.

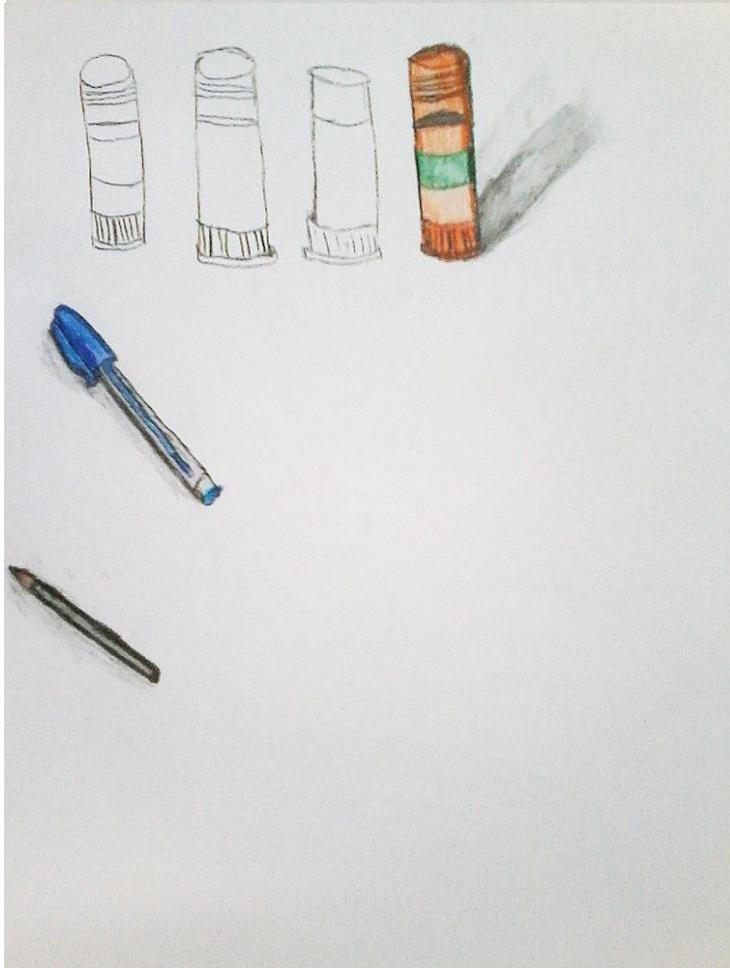
No decorrer da aula, a lâmpada utilizada foi disponibilizada em uma carteira próxima ao quadro, para que os alunos, caso quisessem, simulassem (por breves períodos de tempo) efeitos de luz e sombra nos seus objetos. Ademais, o professor de artes e eu ficamos vagando pela sala procurando ajudar os alunos a identificar o jogo de luz e sombra e as tonalidades de cor nos seus objetos.

A seguir se encontram alguns dos desenhos coloridos pelos alunos nessa aula, os quais selecionei para apresentar aqui considerando seu aspecto bastante semelhante e realista em relação ao objeto observado, e também pelas suas interessantes composições estéticas.

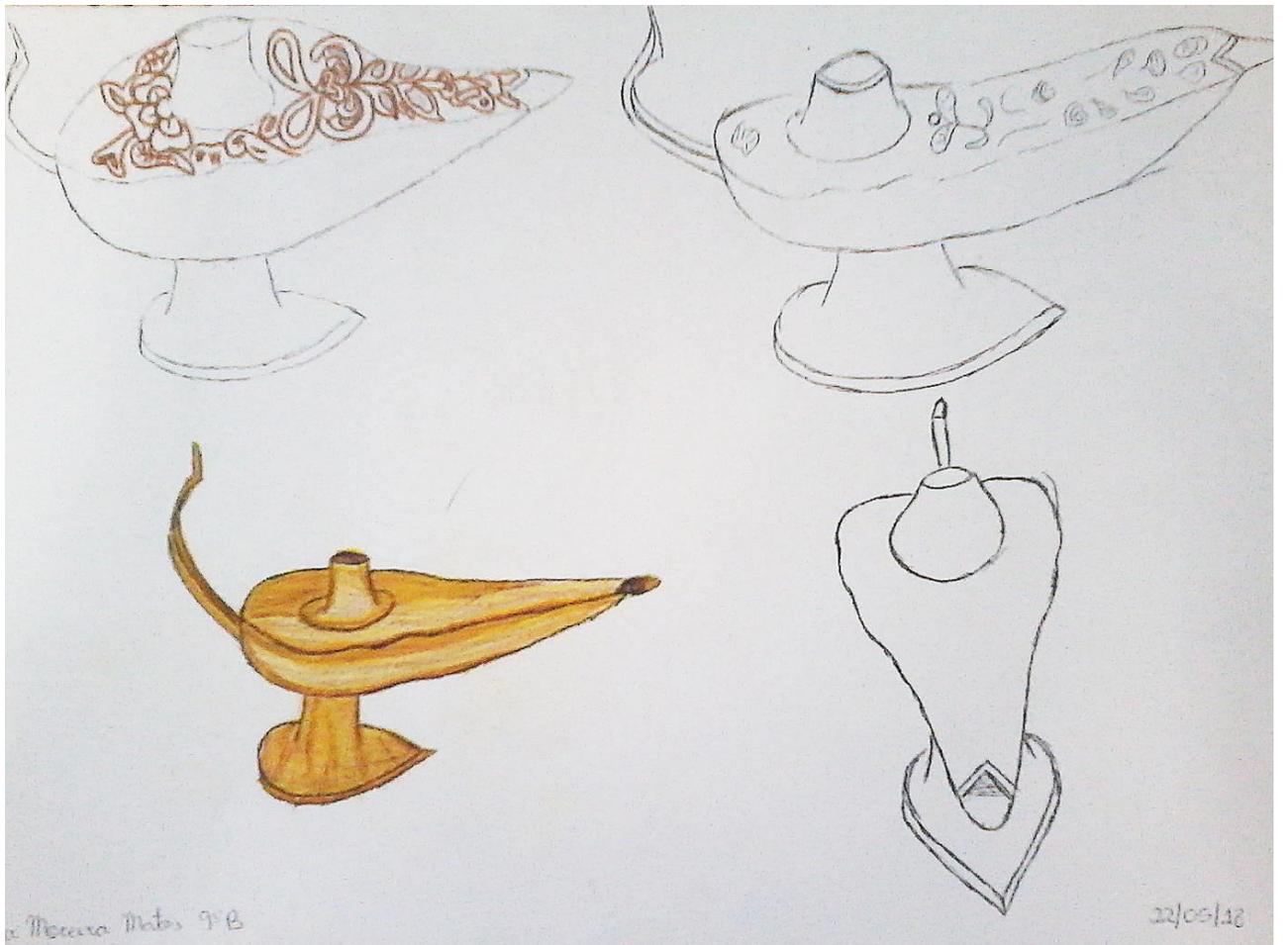
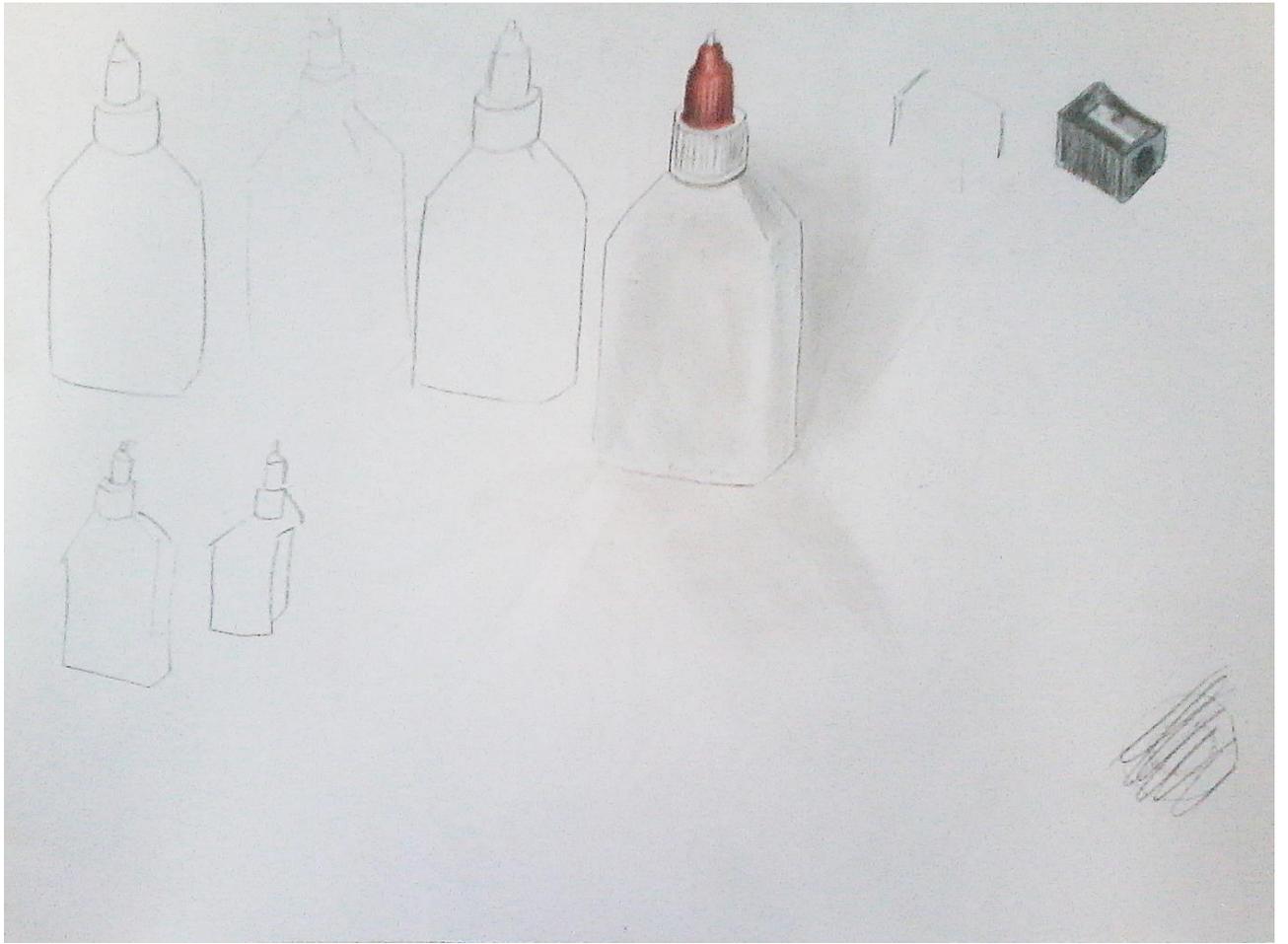












4.1.3 Aula 3 – Reflexão sobre os desenhos e a experiência para com a proposta

Nas primeiras turmas que desenvolvi essa aula, a iniciei pedindo aos alunos para deslocarem as carteiras em sala de modo a formar uma “roda”, para assim podermos conversar coletivamente sobre os desenhos feitos e a proposta em si. Feito isso, pedi aos alunos que, um por vez, se dispusesse a mostrar para a turma os seus desenhos de objetos feitos nas aulas anteriores, e procurasse falar um pouco sobre a sua experiência em ter feito tais desenhos, e sobre o seu aprendizado construído nas aulas dessa proposta⁶. Para essa tarefa se realizar de modo mais natural e fluído para os alunos, o professor de artes e eu nos colocamos a fazer certas perguntas a eles, com o intuito de provocar reflexões sobre o processo de produção de seus próprios desenhos e também dos demais colegas. Dentre as principais perguntas que foram feitas aos alunos e suas respectivas respostas, as considerando de maneira mais geral, estão as seguintes:

- O que você achou da experiência de fazer esses desenhos? A maioria dos alunos afirmou ter gostado da experiência por ela ter sido nova e diferenciada para eles, e principalmente por terem conseguido desenvolver suas capacidades de desenho. Alguns poucos alunos disseram não ter gostado muito da experiência por considerar a prática de desenho de observação uma coisa bastante difícil e trabalhosa, ou ainda, por não terem desenvolvido seu desenho o quanto queriam, criando assim certa expectativa sobre o resultado do seu desenho que acabou não condizendo com a realidade do mesmo.
- Em quais partes do processo de construção dos seus desenhos você teve mais dificuldade? Por quê? Grande parte dos alunos relatou que teve dificuldade para conseguir entender e representar o seu objeto em 3D, isto é, tridimensionalmente e em perspectiva. Relataram também que tiveram dificuldade para conseguir visualizar as sombras e/ou tonalidades de cor nos objetos, dado à iluminação difusa nas salas de aula.

⁶ Não impus essa tarefa aos alunos como uma obrigatoriedade, mas sim a deixei opcional a cada um.

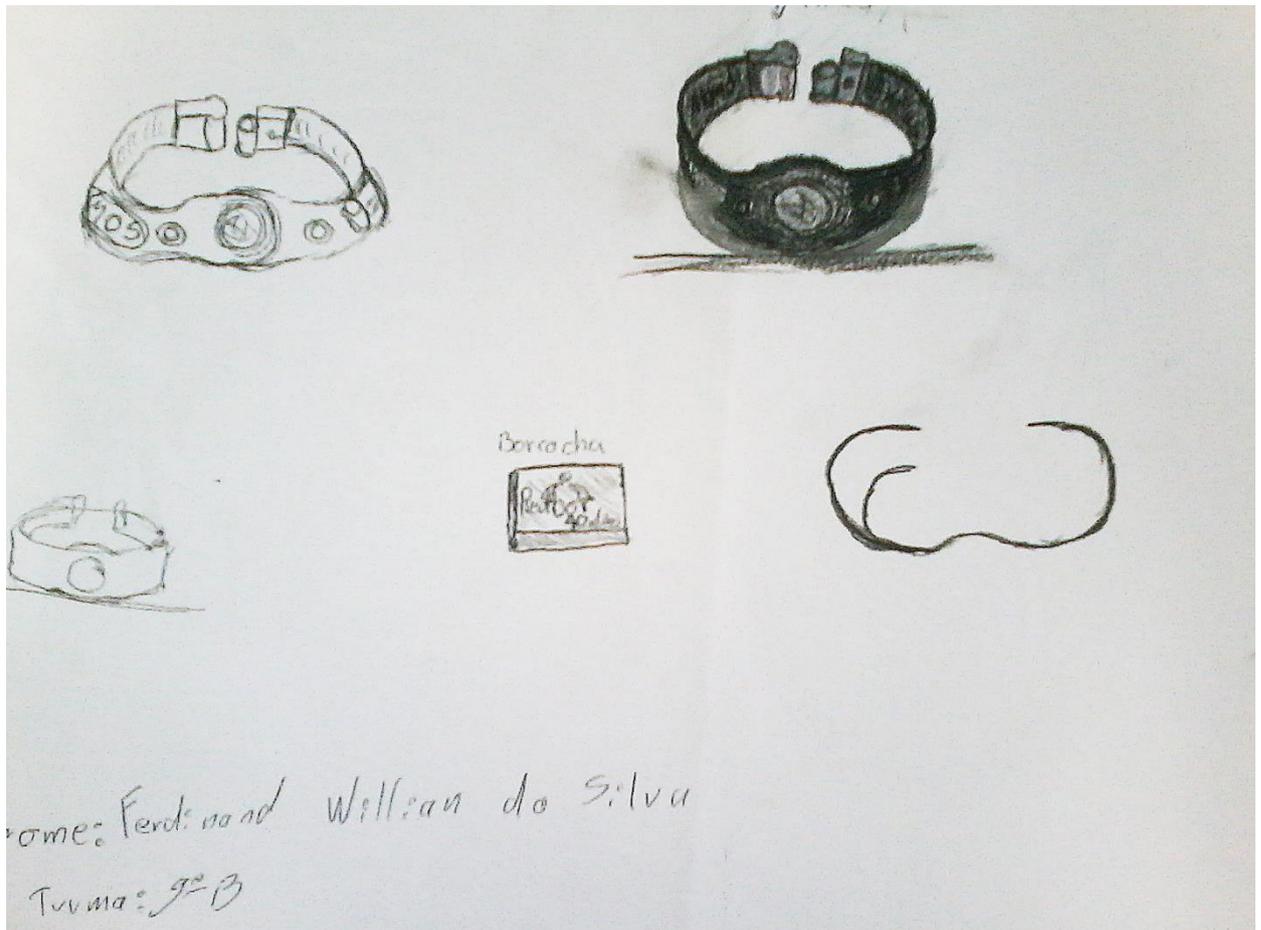
- Você considera que conseguiu melhorar⁷ o seu desenho do objeto ao longo do processo? Por quê? Muitos alunos relataram ter conseguido melhorar o seu desenho do objeto por tê-lo representado várias vezes, e também por terem construído seus desenhos levando em consideração as informações passadas na didática das aulas e as orientações individuais dadas a eles. Alguns alunos tiveram grande dificuldade em certas partes do processo e chegaram a estagnar o desenvolvimento/evolução do seu desenho, mas nenhum deles relatou (pelo menos não explicitamente) não ter conseguido nenhuma mínima melhora em seu desenho no decorrer do processo. Entretanto, vale dizer aqui que parte dos alunos não quiseram se manifestar em relação aos desenhos ou as aulas desenvolvidas.
- O que você melhoraria num próximo desenho do objeto? Dentre os principais aspectos que os alunos diziam querer melhorar num próximo desenho estavam a tridimensionalidade e os detalhes à representação do objeto.
- Você gostou dos seus próprios desenhos? Por quê? Alguns alunos relataram ter gostado dos próprios desenhos por terem conseguido representar seu objeto de maneira realista, e também por conseguirem visualizar através dos desenhos, o aprendizado que construíram para com a prática do desenho de observação. Alguns poucos alunos disseram não ter gostado dos seus próprios desenhos por julgar que sua representação do objeto ficou ruim ou feia.
- Você gostou do desenho de algum colega? Comente sobre. Alguns alunos relatavam gostar de certos desenhos feitos pelos colegas devido a aspectos tais como: o grau de semelhança e realismo do desenho em relação ao objeto; o uso das cores a realçar o desenho e o deixar mais bonito; ou ainda pela visualização do quanto o colega conseguiu melhorar seu desenho ao longo do seu processo.
- Você gostou das aulas? Por quê? Por um lado, os alunos relataram ter gostado das aulas pelo fato de terem aprendido a olhar e desenhar as coisas, e por aprenderem sobre conceitos de desenho, principalmente sobre a representação da luz e sombra nos desenhos objetos. Já por outro lado, alguns deles consideraram que as aulas se fizeram de maneira exaustiva e repetitiva, pois alegaram não ter muita paciência para ficar observando os objetos durante muito tempo, e nem para ficar retrabalhando o mesmo desenho várias vezes seguidas e em aulas consecutivas.

⁷ Considerando o intuito da prática desenvolvida, que era representar da maneira mais verossimilhante possível o objeto.

Em meio a todo esse processo, o professor de artes e eu buscamos apontar os aspectos que consideramos ter sido bem trabalhados nos desenhos dos alunos, procurando enaltecer os pontos que contribuíram para o desenvolvimento dos desenhos visando o realismo. Também fizemos observações aos alunos sobre certos aspectos que consideramos que poderiam ser trabalhados de maneira melhor em seus desenhos. Para ilustrar como isso ocorria, apresentarei a seguir minhas considerações dadas a dois alunos sobre o processo de construção e a estética dos seus respectivos desenhos:



Considero que você (aluno em questão) ocupou de maneira muito interessante o espaço da folha ao fazer os desenhos e se dedicou bastante em tentar acertar a representação da forma do objeto. O colorido feito no último desenho da sequência e a composição estética utilizada deram bastante beleza e destaque ao seu trabalho como um todo. Num próximo desenho você poderia se concentrar em entender melhor o volume cilíndrico do objeto e o local mais exato onde suas curvaturas se fazem. Além disso, poderia aplicar uma tonalidade de vermelho mais escuro em algumas áreas do seu desenho para retratar as sombras próprias do objeto, e também desenhar a sua sombra projetada, aspectos estes que dariam ao seu desenho uma aparência mais volumétrica e tridimensional.



Considero que você (aluno em questão) conseguiu melhorar bastante a representação da forma e angulação do objeto ao longo do seu processo. No último desenho feito, o colorido, você conseguiu dar um bom efeito de tridimensionalidade ao objeto através da representação de sua sombra projetada e também conseguiu atingir um bom grau de realismo. Num próximo desenho você poderia observar e desenhar com maior atenciosidade os detalhes e as tonalidades de cor do objeto para assim poder melhorar ainda mais o seu desenho.

Enquanto desenvolvia essa aula para com as primeiras duas ou três turmas, reparei que, embora o sistema de organizar uma roda de conversa em sala deixasse os alunos mais integrados entre si e mais propensos a prestar atenção à fala dos colegas, alguns alunos estavam tendo vergonha de mostrar os seus trabalhos e/ou de falar sobre eles no coletivo da turma. Assim, nas turmas posteriores, optei por manter a disposição padrão das carteiras em sala de aula, isto é, em fileiras, e distribuí, no início da aula, pedaços de fita crepe para os alunos para que colassem seus desenhos no quadro, buscando deste modo fazer com que todos mostrassem seus trabalhos, e que estes pudessem ser vistos e analisados como um conjunto.

Tal fator trouxe uma melhor visualidade dos desenhos, agora dispostos uns ao lado dos outros, e também me possibilitou estabelecer certas comparações entre eles, com o intuito de apontar os distintos raciocínios de construção e aspectos estéticos explorados nos desenhos pelos alunos. Através disso procurei fazer com que os alunos também pudessem aprender sobre os processos artísticos ao observar os desenhos dos colegas.

No mais, esclareço que nem todos os alunos quiseram comentar a respeito dos desenhos produzidos ou do desenvolvimento das aulas, e o professor de artes e eu não analisamos esteticamente o desenho de cada um deles, pois nem todos eles estavam interessados nisso e, ainda, o tempo de aula se fazia escasso para tal.

4.2 Conclusões Sobre A Proposta

- Ao longo do desenvolvimento da proposta reparei que a observação atenta do objeto se fazia uma prática muito difícil para os alunos, tanto devido a uma falta de familiarização deles para com este tipo de prática/proposta de aula quanto também pela questão de um imediatismo deles para com as atividades a serem desenvolvidas. Considerei então que seria importante trabalhar com esses alunos o desenvolvimento de uma maior paciência para com a execução das propostas didáticas em artes e/ou escolares.
- Vendo que a prática de desenho de observação se fez difícil para os alunos, considero que seria melhor trabalhar os conceitos abordados nesta proposta por meio de imagens bidimensionais primeiramente, deixando a prática de desenho de observação para aulas posteriores, dado que o processo de converter uma imagem tridimensional em bidimensional é bastante complexo.
- Ao longo das aulas senti a necessidade de simplificar a teorização sobre a proposta ao máximo possível, pois percebi que explicações e falas mais sucintas e objetivas funcionavam melhor, tanto pelo motivo dos alunos não conseguirem manter o foco por muito tempo, quanto por facilitar o entendimento do conteúdo passado.

- Por um lado, os alunos que se dedicaram à observação atenta do objeto e fizeram vários desenhos do mesmo, conseguiram resultados melhores em seus desenhos visando o realismo, o que os levou a gostar dos próprios desenhos produzidos. Por outro lado, os alunos que fizeram seus desenhos se dedicando o mínimo de tempo e esforço possível, por consequência, tiveram pouco progresso em seus desenhos visando o realismo, fator este que os levou há ficarem um pouco frustrados com o resultado dos seus desenhos, ainda que estivessem cientes que tiveram certo desenvolvimento em suas capacidades de desenho.
- Nem todos os alunos se envolveram de fato com a proposta, no entanto, aqueles que o fizeram conseguiram desenvolver a sua percepção visual, dado que passaram a compreender a forma, volume, tonalidades de cor e efeitos de luz e sombra nos objetos, e também desenvolveram suas capacidades de desenho, conseguindo representar com relativa verossimilhança e realismo os objetos observados.
- Através desta proposta, a maioria dos alunos compreendeu que qualquer um tem a capacidade para fazer desenhos realistas e também entenderam que isso não é algo fácil, que se faz do dia para a noite, mas sim que é algo que gasta muito estudo, prática, tempo e principalmente esforço. Ainda, os alunos que consideraram chegar a bons resultados em seus desenhos adquiriram certa autoestima para com relação à prática de desenhar.
- Considerando que no geral os alunos dedicavam pouco tempo de aula no desenvolvimento das “atividades”, sobretudo para colorir os desenhos dos objetos, após o desenvolvimento da proposta, o professor de artes e eu consideramos que a segunda e terceira aula poderiam então ser “compactadas” numa só, assim reduzindo a proposta para apenas duas aulas sequenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho retratei de forma sucinta o meu percurso dentro do Curso de Artes Visuais da UFMG, compartilhei algumas de minhas experiências construídas nos Estágios de Licenciatura, e também trouxe algumas reflexões minhas sobre o ensino-aprendizagem de Artes Visuais no contexto de escolas públicas.

Essas reflexões orientaram o planejamento de uma proposta de desenho de observação de objetos que realizei para com alunos do segundo ciclo do ensino fundamental, em uma escola pública de Belo Horizonte. Por meio dessa proposta foi-se desenvolvido com os alunos um aprendizado teórico e prático a respeito da construção de desenhos realistas, visando com isso desconstruir a ideia de dom artístico que eles atribuíam à figura dos artistas, mais precisamente, aos que produzem obras de arte realistas.

Através do desenvolvimento da proposta os alunos desenvolveram suas capacidades de observação e desenho, as quais variaram em maior ou menor grau para cada um. Alguns alunos conseguiram representar os objetos observados com um bom grau de verossimilhança e realismo, e assim, adquiriram certa autoestima para com relação à prática de desenho, já outros, não se saíram tão bem na representação de seus objetos, mas através da reflexão sobre a prática desenvolvida, entenderam que o progresso em seus desenhos visando o realismo é geralmente um processo lento, que se faz aos poucos, e que depende principalmente do seu empenho no ato de observar e desenhar. Assim, os alunos compreenderam que as capacidades artísticas podem ser desenvolvidas por qualquer pessoa que se coloque a estudar e praticar determinadas linguagens e técnicas artísticas, e que, portanto, as habilidades e o talento dos artistas são fruto de um aprendizado em arte, e não de um dom.

Vemos então que é importante o professor de artes visuais desconstruir com seus alunos a ideia do dom artístico para que eles compreendam e valorizem a arte enquanto processo. Ainda, o ensino de técnicas referentes à produção de imagens realistas pode atrair o interesse dos alunos para as aulas de artes visuais, e os aproximar do mundo da arte, já que é comum eles valorizarem e quererem aprender a produzir imagens desse tipo, principalmente desenhos e pinturas.

O desenvolvimento dessa proposta me trouxe uma enorme experiência sobre o atuar como professor de artes visuais e sobre o ensinar desenho de observação, contribuindo para a

minha formação enquanto professor de artes visuais e de desenho. Ainda, as reflexões que formulei sobre essa proposta me possibilitaram entender o que deu certo ou não em seu desenvolvimento, e me apontaram possíveis fatores e aspectos que podem ser repensados e reformulados a fim de aprimorá-la.

Ressalto que essa proposta desenvolvida foi o modo que encontrei para desconstruir a ideia de dom artístico com os alunos, de tal maneira, não deve ser entendida como um suposto caminho correto ou o único possível. Cabe aos professores e professoras de artes visuais pensarem suas próprias maneiras e propostas pedagógicas para que isso se faça. Também cabe aos professores escolherem junto de seus alunos quais os conteúdos, linguagens e vertentes artísticas são relevantes e significativas a serem trabalhadas nas aulas de artes visuais.

Por fim, digo que a prática de desenho de observação se fez presente em todo esse meu caminho dentro do curso, e foi guia tanto para a minha prática artística quanto pedagógica. Através dela consegui desenvolver as capacidades visuais e perceptivas⁸ que hoje me possibilitam representar em desenho qualquer coisa que me disponha a observar. Por este motivo, considero que ela seja uma ótima opção de prática a ser desenvolvida por aqueles interessados em aprender ou ensinar sobre arte realista.

⁸ mencionadas no terceiro parágrafo da página 20.

REFERÊNCIAS

- BARTOLOMEU, Sandra da Silva. **O desenho e a educação do olhar**. Mestrado em Artes Visuais: Universidade de Lisboa – Portugal. 137 p. 2010. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=O+Desenho+e+a+Educação+do+Olhar&aq=O+Desenho+e+a+Educação+do+Olhar&aqs=chrome..69i57j33.462j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 28/06/2019.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: educar para transformar**. Projeto Memória. São Paulo: Mercado Cultural et al. 64 p. 2005. Disponível em: <https://www.google.com/search?ei=YohkXZnDMvbF5OUPsJCb2AM&q=paulo+freire+educar+para+transformar&aq=+paulo+freire+educar+para+&gs_l=psy-ab.3.0.0j0i22i30l2.2087340.2092729..2093785...0.0..0.636.2729.0j10j2j5-1.....0....1..gws-wiz.....0i8i30j0i70i251.ohwLjboLFqM>. Acesso em: 28/06/2019.
- DERDYK, Edith. **DISEGNO. DESENHO. DESÍGNIO**. São Paulo: editora Senac, 2007.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. 4ª ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Tradução de Roberto Raposo. Grupo Ediouro – Tecnoprint S.A. 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 28/06/2019.
- GONÇALVES, Tatiana Fecchio. DIAS, Adriana Rodrigues. **Entre linhas, formas e cores: arte na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- JAHN, Andrea Craveiro. **Sobre o ensino-aprendizagem da arte e o desenho de observação**. TCC – Licenciatura em Artes Visuais: UFRGS. 72 p. 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/36803>>. Acesso em: 28/06/2019.
- MARTINS, Soely de Fatima Antunes. GARCIA, Cláudio Luiz. **O desenho no ensino fundamental**. Artigo: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor – Cadernos PDE - volume 1: versão online, 24 p. 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_arte_artigo_soely_de_fatima_antunes_martins.pdf>. Acesso em: 28/06/2019.
- SPYKED, Thiago. **10 ERROS do desenhista INICIANTE**. CrasConversaOficial. Youtube. Data de postagem do vídeo: 09/03/2018. Tempo de duração do vídeo: 19 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dHd5XWjLQMA&t=246s>>. Acesso em: 28/06/2019.